

Francisca Manuel Sanduane



UNIVERSIDADE POLITÉCNICA

A POLITÉCNICA

(ESCOLA SUPERIOR DE GESTÃO CIÊNCIAS E TECNOLOGIA)

CURSO DE ADMINISTRAÇÃO E GESTÃO DE EMPRESAS



TRABALHO DO FIM DE CURSO

TEMA

***A CONTRIBUIÇÃO DA PESCA ARTESANAL NO ALÍVIO DA POBREZA
NA BAÍA DO MAPUTO***

SUPERVISOR: Mestre Gilberto Ricardo

Maputo, Julho de 2009

***A CONTRIBUIÇÃO DA PESCA ARTESANAL NO ALÍVIO DA POBREZA
NA BAÍA DO MAPUTO***

TUTOR: MESTRE GILBERTO RICARDO

**Trabalho de Projecto apresentado à Universidade Politécnica como parte dos requisitos
de graduação e obtenção de grau de Licenciatura em Administração e Gestão de
Empresas.**

DECLARAÇÃO DE HONRA

Declaro por minha honra que o presente trabalho é fruto do meu trabalho de investigação e, que os dados colhidos constituem a mais perfeita realidade, estando indicadas todas as fontes bibliográficas utilizadas.

DEDICATÓRIA

Este trabalho é dedicado em primeiro lugar aos meus pais que durante os anos de formação não tiveram a assistência merecida. Particular destaque vai para a minha mãe que padecendo de complicações de saúde por muito tempo, sempre me deu muita força para que este trabalho se tornasse numa realidade. Ao meu único filho que, durante o período da formação foi sacrificado pela minha constante ausência de casa, abdicando-o do amor e carinho e assistência que ele tanto necessitava.

FRANCISCA MANUEL SANDUANE

A CONTRIBUIÇÃO DA PESCA ARTESANAL PARA O ALÍVIO DA POBREZA NA BAÍA DE MAPUTO

NOME DO TUTOR: *Gilberto Ricardo*

PARECER:

A estudante Francisca Manuel Sanduane pesquisando o tema: “*A contribuição da pesca artesanal para o alívio da pobreza na Baía de Maputo*” formulou um tema propício para averiguar a gestão de uma unidade pesqueira artesanal, como uma empresa em miniatura e um centro de pescas, como um conglomerado de empresas pesqueiras. O estudo pretende estabelecer um nexos entre a pesca artesanal e o seu impacto no alívio a pobreza. Focalizando-se em três centros de pesca artesanal nomeadamente Catembe, Costa do Sol e Mhuntanhana na Baía de Maputo, o estudo estabelece uma comparação de como o desempenho desses centros é ou não influenciado pelo nível de organização dos seus membros. Buscando alguma referência na experiência laboral do ramo das pescas onde trabalha formulou o problema, os objectivos e hipóteses que guiaram o estudo com sucesso. Para a metodologia de recolha de dados, a estudante faz uma deslocação ao terreno acompanhada por alguns colegas que por sinal são pescadores, realizou um estudo empírico, percorrendo a Catembe, a Costa do Sol e Mhuntanhana da Baía do Maputo, entrevistando e inquirido pescadores e residentes dessas localidades. Posteriormente, a estudante fez uma associação dos seus conhecimentos teóricos e experiência profissional processou os dados e compilou um relatório de boa qualidade. Assim, a estudante alcançou os seus objectivos o que lhe confere plena segurança de realizar uma investigação independente.

Maputo, aos 02 de Julho 2009

Trabalho de projecto apresentado ao Instituto Superior Politécnico e Universitário (ISPU) como parte dos requisitos de graduação e obtenção do Grau de Licenciatura em Administração e Gestão de Empresas

AGRADECIMENTOS

Ao meu supervisor Mestre Gilberto Ricardo, pela paciência e dedicação na supervisão deste trabalho.

À Mestre Maria Ascensão Pinto, pelo apoio, adicional e orientação especial na abordagem deste trabalho.

À Sua Excelência o Ministro das Pescas, pela oportunidade, ao Dr Silvano Macaneta, (Director do Porto de Pesca de Maputo), pelo apoio e sobretudo pela sensibilização quanto à importância do tema, Dr Alfredo Massinga, (Fundo de Fomento Pesqueiro), pela força e colaboração, Dr Manuel Gonçalves (Presidente do Conselho de Administração do Fundo de Fomento Pesqueiro), pelo apoio e especialmente pela atenção dispensada durante a realização do trabalho, dra Rosita Abdula (Direcção Provincial de Pesca de Maputo), Eng. Graça, e a dra. Verónica pelo apoio moral e material na elaboração deste estudo investigativo.

Aos pescadores dos Centros de Pesca de Mhuntanhana (Xefina Pequena), Costa do Sol e Catembe, pela colaboração no fornecimento de dados e informação.

À minha colega Leonor Mendonça, por tanto sacrifício resultante da sobrecarga do trabalho, durante o período da minha formação.

Aos meus pais Gabriel Tomás Manuel Sanduane e Angelina da Conceição Chilundjo, meus irmãos Ana, Tomás, Leta e Gabriel, pelo apoio moral e carinho prestados durante a realização deste trabalho.

Ao meu colega Francisco Chone, pescador e proprietário de embarcação de pesca no Centro de Costa do Sol, que muito contribuiu para que fossem realizados os encontros com pescadores naquele Centro de Pesca.

E por fim, a todos aqueles que directa ou indirectamente prestaram apoio na realização deste trabalho.

LISTA DE FOTOGRAFIAS

	Pagina
Foto 1 _ Machamba de subsistência, com feijão e milho de um pescador artesanal na área de estudo	76
Foto 2 _ Machamba de subsistência, com mandioca de um pescador artesanal na área de Estudo	76
Foto 3 _ Poço vulgar que abastece de água as comunidades pesqueiras na área de estudo	77
Foto 4 _ Processo de selecção de camarão nas comunidades pesqueiras na área de estudo	78
Foto 5 _ Processo de fumagem de camarão nas comunidades pesqueiras na área de estudo	79
Foto 6 _ Embarcação da pesca artesanal nas comunidades pesqueiras na área de estudo	80
Foto 7 _ Processo de secagem de pescado da pesca artesanal nas comunidades pesqueiras na área de estudo.	81
Foto 8 _ Uma fonte de água improvisada nas comunidades pesqueiras na área de estudo	81
Foto 9 _ Habitação precária de um pescador de uma das comunidades pesqueiras na área de estudo	82
Foto 10 _ Foto 10 _ Restauração da zona costeira devido a erosão na comunidade pesqueira da área de estudo	83
Foto 11 _ Floresta de mangais numa das comunidades pesqueiras da área de estudo	83
Foto 12 _ Condições precárias e falta de saneamento do meio nas comunidades pesqueiras da área de estudo	84
Foto 13 – A vendedeira aguardando a chegada das embarcações de pesca na comunidade pesqueira da área de estudo	85
Foto 14 – Mulheres e crianças na selecção de Magumba nas comunidades pesqueiras da área de estudo	85
Foto 15 – Pescadores concertando as redes de pesca numa comunidade pesqueira da área de estudo	86
Foto 16 – Esta é a única fábrica de gelo granulado fabricado no Porto de Pesca de Maputo que abastece as embarcações de pesca	86
Foto 17 – Ameijoas, caranguejo e camarão capturado na área de estudo.	87
Foto 18 – Mulheres vendedeiras do mercado de pescado nas comunidades pesqueiras da área de estudo.	87

Foto: 19 - Camarão branco capturado na área de estudo	87
Foto 20 _ Mulheres vendedeiras do mercado de pescado nas comunidades da área de estudo.	88
Foto: 21 _ Processo de formação de pescadores artesanais nas comunidades da área de estudo.	89
Foto: 22 _ Piscicultura – cultura de peixe em cativeiro praticada pelos pescadores artesanais das comunidades pesqueiras de subsistência.	89

LISTA DE TABELAS

	Página
Tabela n. 1 _ Evolução das capturas por arte de pesca na Baía de Maputo em Ton/ano	20
Tabela nº 2 _ Evolução das pescarias artesanais por artes de pesca em toneladas	37
Tabela nº 3 - Rendimentos pesqueiros da pesca artesanal em Mhuntsanhana	38
Tabela nº 4 - Rendimentos dos pescadores do Centro de Pesca de Costa do Sol	39
Tabela nº 5 - Rendimento de pesca do Centro de Pesca de Catembe	40
Tabela n. 6 - Esforço de pesca na pesca comercial artesanal dos três centros de pesca	41
Tabela n. 7 – Carteira de créditos em curso no IDPPE/FFP na Delegação de Maputo em 2008.	56

LISTA DE GRÁFICOS

	Pagina
Gráfico n. 1 Tipos de Artes de Pesca Usadas	37
Gráfico n. 2 _ Índice de capturas por ano nos 3 Centros de Pesca de subsistência	40
Gráfico n. 3 _ Tipos de Embarcações	42
Gráfico n. 4 - Distribuição da Tripulação por Embarcação	43
Gráfico n. 5_ Tempo de Permanência na Pesca	43
Gráfico n. 6 _ Tipo de Conservação de Pescado	45
Gráfico n. 7.- Nível de escolaridade nas comunidades pesqueiras	46

LISTA DE ABREVIATURAS

- UDPPE – Unidade de Direcção da Pesca de Pequena Escala
IDPPE – Instituto de Desenvolvimento de Pesca de Pequena Escala
IIP- Instituto de Investigação Pesqueira
SFP- Sociedade de Fomento Pequeiro
PESPA- Plano Estratégico do Sub-Sector da Pesca Artesanal
CP's – Combinados Pesqueiros
CCPs – Concelho Comunitário de Pescas
PCR – Poupança e Crédito Rotativo
OBC – Organização de Base Comunitária
PPE – Pesca de Pequena Escala
PRE – Programa de Reabilitação Económica
PARPA – Plano de Acção para a Redução da Pobreza Absoluta
INAHINA – Instituto Nacional de Hidrografia e Navegação

LISTA DE ANEXOS

	Pagina
ANEXO I – Dados do Centro de Pesca de Mhuntanhana	70
ANEXO II – Dados do Centro de Pesca de Costa do Sol	72
ANEXO III – Dados do Centro de Pesca da Catembe	73
ANEXO IV- Lista de Pescado mais capturado na Baía de Maputo	74
ANEXO V – Fotos	75

ÍNDICE

DECLARAÇÃO DE HONRA.....	iv
DEDICATÓRIA	v
PARECER:	vi
AGRADECIMENTOS	vii
LISTA DE FOTOGRAFIAS	viii
LISTA DE TABELAS	x
LISTA DE GRÁFICOS	xi
LISTA DE ABREVIATURAS	xii
LISTA DE ANEXOS.....	xiii
ÍNDICE.....	xiv
RESUMO.....	xvii
CAPÍTULO I - INTRODUÇÃO.....	2
1.1 – Introdução	2
1.2. Delimitação geográfica da área de Estudo.....	4
1.3 - Referencial Teórico	5
1.4. Objectivos	7
1.4.1. Objectivo Geral.....	7
1.4.2. Objectivos Específicos.....	8
1.5 - Problema.....	8
1.6 Hipóteses.....	9
1.7- Importância do Estudo.....	10
CAPÍTULO II – REVISÃO DA LITERATURA.....	11
2.1 <i>Classificação da pesca em Moçambique segundo a lei</i>	11
2.2. Organização social das comunidades pesqueiras em Moçambique.....	13
2.3. A Mulher na Pesca.....	14
2.4. <i>Constrangimentos no desenvolvimento da pesca artesanal</i>	16
2.5. <i>Estrutura de propriedade dos meios de produção na Baía de Maputo</i>	17
2.6. <i>A Pesca Artesanal de Subsistência</i>	17
2.7. <i>Pesca artesanal comercial</i>	20

CAPÍTULO III - METODOLOGIA.....	21
3.1 – <i>Colecta de Dados</i>	21
3.2. <i>Definição da população e tamanho da amostra</i>	21
3.3. <i>Plano de selecção de dados</i>	22
3.4. <i>Apresentação dos Dados</i>	26
<i>Análise e interpretação de dados</i>	26
CAPITULO IV - APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DE RESULTADOS	31
4.1 Introdução	31
4.2 Condições habitacionais.....	31
4.3 Situação Alimentar.....	32
4.4. Condições de saneamento dos pescadores artesanais	33
4.5 - Tipo de artes de pesca empregue na pesca artesanal	35
4.5.1 – Rede de Emalhar	35
4.5.2.- Redes de Arrasto.....	36
4.5.3.- Pesca a linha de Pesca	37
4.6 - Níveis de rendimento da pesca artesanal	38
4.9. – Tempo de permanência na pesca artesanal	43
4.10 – TIPOS DE CONSERVAÇÃO DO PESCADO	44
4.10.1- Conservação à base de gelo	44
4.10.2.- Secagem.....	44
4.10.3.- Fumagem	45
4.11 - CONDIÇÕES SOCIAIS	46
4.11.1- Situação socioeconómica.....	46
4.11.2. A comercialização do pescado artesanal.....	47
4.12 - A Pesca Artesanal Comercial	48
4.12.1- As práticas socioculturais e a pesca artesanal	49
4.13 - O impacto do papel da mulher nas comunidades pesqueiras	50
4.14 - Estrutura organizacional das comunidades pesqueiras.....	52
4. 15. _ Discussão dos resultados.....	52
4.15.1 – Situação ambiental marinha	52
4.16 – Apoio Institucional à Pesca Artesanal	54
CAPÍTULO V – CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES.....	59
5.1 Conclusões	59
Testagem das hipóteses.....	61

5.2. _ Recomendações.....	63
Bibliografia	65
ANEXO V - FOTOS	75

RESUMO

O presente estudo teve como objectivo, analisar e avaliar o impacto da incidência e prevalência da pobreza no seio das comunidades da pesca artesanal na Baía de Maputo, bem como propôr ideias que possam contribuir para que esta actividade se torne sustentável e por conseguinte aliviar as comunidades da situação de pobreza extrema em que se encontram.

Na Baía de Maputo, foram seleccionadas 3 (três) comunidades de pesca artesanal, nomeadamente: Mhuntanhana, Costa do Sol e Catembe, onde foram entrevistados os líderes comunitários da pesca artesanal e um grupo de 10 pescadores de cada centro de pesca. Os resultados apontam para uma situação de persistência de problemas de vária ordem no seio das comunidades pesqueiras, não obstante o Governo estar representado pelo sector das pescas, evidando esforços no sentido de busca de soluções.

No âmbito do Plano Estratégico Sobre a Pesca Artesanal (PESPA), as estratégias definidas pelo sector das pescas, que de certa forma convergem para a redução da situação de pobreza nas comunidades da pesca artesanal, há necessidade de se encontrar uma plataforma de acções que associadas a elas, privilegiem a capacitação das comunidades pesqueiras em matérias de gestão a todos quadrantes (nas comunidades, nos recursos naturais, etc.). Para que todos os bens de apoio (infraestruturas, insumos, créditos entre outros) concedidos surtam o efeito é necessário que haja uma boa gestão de recursos disponíveis como base de sucesso de qualquer organização.

A pesca de subsistência (incluindo a parte comercial) apresenta-se muito mais fragilizada, nos últimos cinco anos, de 2003 a 2008, em virtude da fraca capacidade de percepção e assimilação das políticas de mudanças de comportamento dos pescadores face à escassez dos recursos pesqueiros e outros, que se subscreve na pesca ordeira. A pesca ordeira pressupõe o uso de métodos de pesca que preconiza o não esgotamento do pescado, capturando apenas as quantidades ideais para garantir a alimentação dos pescadores e a comercialização do excedente para o sustento das suas famílias. Procedendo assim seria possível manter o ambiente propício (ecossistema), com vista a assegurar a preservação das espécies.

O papel da mulher nas comunidades pesqueiras é de extrema importância, e deve ser impulsionador, pelo que, estas devem merecer maior e especial atenção.

CAPÍTULO I - INTRODUÇÃO

1.1 – Introdução

A Pobreza em Moçambique é um dos factores que contribui negativamente para o desenvolvimento económico e social. Ela se manifesta de várias maneiras tendo em conta o contexto em que cada camada social se encontra inserida. Neste sentido, torna-se necessário entender, avaliar e contribuir com ideias, tendo em conta todos os recursos e meios disponíveis, que possam dinamizar esforços para minimizar esta situação.

Em Moçambique o conceito de pobreza foi definido como “*Impossibilidade por incapacidade ou por falta de oportunidade de indivíduos, famílias e comunidades de terem acesso a condições mínimas, segundo as normas básicas estabelecidas*”, (PARPA II, 2006-2009:8).

Com efeito, o presente trabalho de pesquisa incidiu sobre a área da Pesca Artesanal, na Baía de Maputo, concretamente sobre as condições de vida da população de pescadores artesanais que praticam esta actividade para a sua sobrevivência. São comunidades de pescadores que se encontram em centros de pesca, organizadas em Associações e Centros Comunitários de Pesca, e cada uma delas tem um determinado número de elementos escolhidos como representantes, para zelarem pelos interesses daquelas, junto de diversos organismos que directa ou indirectamente têm relações de interesse com as mesmas.

Na Baía de Maputo, a pesca é uma actividade tradicional da população costeira local, não obstante o facto de ter começado a praticar-se em maior escala a partir da época da guerra

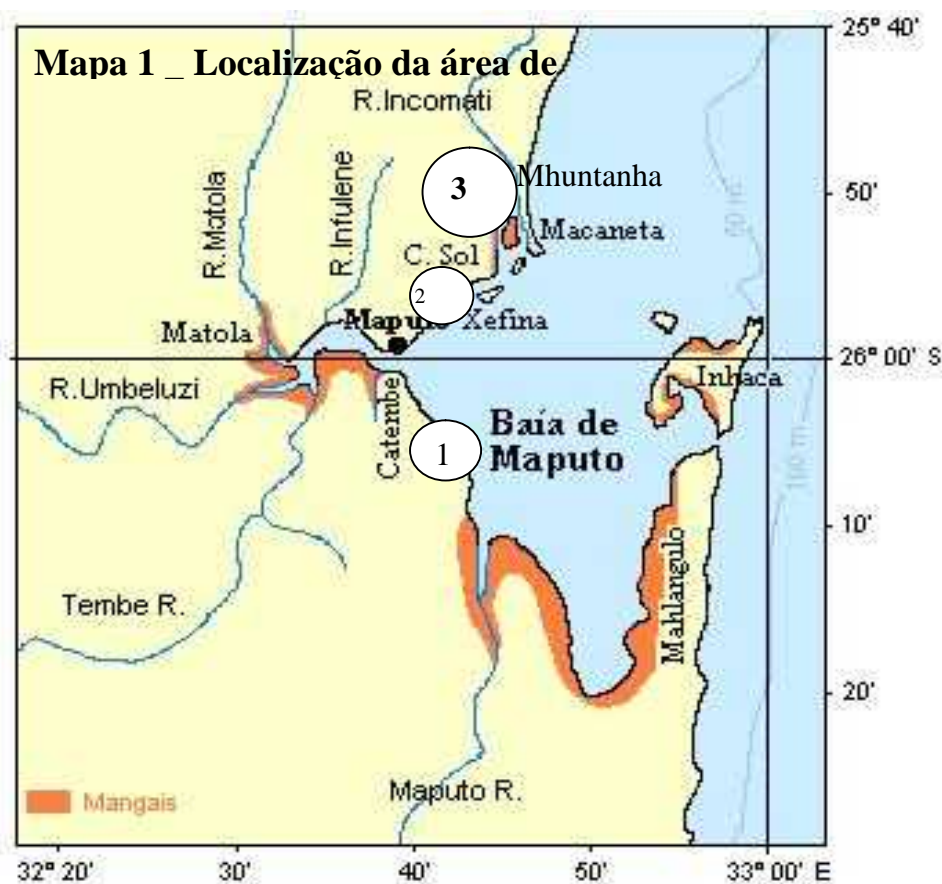
civil de 1976-1992, altura em que se verificou um afluxo da população das regiões do interior para as zonas costeiras. Por outras palavras isso significa que ao longo dos tempos houve um crescimento exponencial do número de pescadores ou de indivíduos envolvidos na actividade pesqueira. (IDPPE/IIP-1998).

Trata-se de comunidades que na sua maioria não possuem condições básicas de vida para a sua subsistência (habitação, assistência sanitária, vestuário, água potável entre outras). Em termos de formação académica formal estas comunidades pesqueiras têm pouco conhecimento em todos quadrantes. A cultura do uso adequado das técnicas e artes de pesca podem contribuir para que esta actividade não só sirva como base de subsistência, como também, para que possam gerar riqueza que possibilite o auto sustento em termos de investimento na pesca e outras actividades de rendimento. A geração de excedente para fazer face aos períodos de veda, produção cíclica, e calamidades naturais, como as cheias, secas, pragas e outras intempéries que contribuem significativamente para a baixa produtividade e fraco rendimento nas actividades desenvolvidas constituem uma das maiores preocupações destas comunidades pesqueiras.

Este estudo está dividido em 5 (cinco) capítulos. O primeiro capítulo apresenta o resumo, a parte introdutória, a delimitação geográfica da área de estudo, o referencial teórico, os objectivos (geral e específicos), a colocação do problema, das hipóteses e a importância do estudo. O segundo capítulo debruça-se sobre a revisão da literatura ou levantamento bibliográfico sobre o tema tratado. O terceiro capítulo aborda a metodologia usada para o estudo, a população da amostra, plano de recolha e análise dos dados. O quarto capítulo apresenta os resultados obtidos, da discussão dos mesmos, e finalmente o quinto capítulo expõe as conclusões e recomendações.

1.2. Delimitação geográfica da área de Estudo

A Baía de Maputo situa-se no extremo sul de Moçambique entre as Latitudes 25° 35' S e 26°15' S e as longitudes 32° 33'E e 33° 00'E e possui uma área total de 1035.08 Km² distribuída por zonas entre-marés (233, 1 Km²), bancos de areia (28, 44 Km²) e zona sub-litoral que é de 774,12 Km² (INAHINA, 1985). A área total de pesca é de 686 Km² correspondente a metade da área da Baía (Silva *et al*, 1990), vide mapa 1.



Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Baia_map_port.JPG

A Pesquisa está orientada para a Baía de Maputo, tendo como principais focos de estudo, os Centros de Pesca de Mhuntanhana, Costa de Sol e Catembe.

Mhuntanhana fica situado a 15 Km norte da Cidade de Maputo. O Bairro comporta mais de 70 famílias de pescadores. A principal área de pesca situa-se no estuário do Rio Incomati e entre as ilhas da Xefina Grande e Xefina Pequena. O Bairro dos Pescadores situa-se ao longo da costa, adjacente ao da Costa do Sol, 5 Km à norte da Cidade Maputo e a Oeste da Ilha da Xefina Grande. Quase toda a população desta área de estudo (cerca de 200 famílias), está envolvida na actividade de pesca. A área principal de pesca está situada entre a Ilha de Xefina Grande e a Praia da Costa do Sol. Catembe está situado do lado Sul da Baía de Maputo. O Bairro tem pouco mais de 150 famílias de pescadores que estão concentradas em vários pequenos centros de pesca situados ao longo da praia da Catembe. A área principal da pesca é entre a Barreira Vermelha à Ponta Mahone e ao longo da Praia da Catembe, (IDPPE 2003).

1.3 - Referencial Teórico

Altmayer (1999:09), considera a Pesca Artesal como:

“A pesca realizada através de embarcações de pequeno porte (botes, caícos ou canoas), sem cabine, com propulsão à vela, remo ou motor (geralmente de baixa potência), sem emprego de equipamentos sofisticados, constituindo a principal actividade do pescador, embora possa desenvolver outras complementares. Tal actividade visa a produção de excedente, cuja a venda possibilita não só a aquisição dos meios para a subsistência, como também a compra de instrumentos que garantam a continuidade da produção. Geralmente há emprego de mão de obra, já que a produção tende a sair do âmbito familiar, sendo a força de trabalho empregada remunerada, quase sempre, pelo sistema de partes sobre o valor da captura (não ocorre remuneração em dinheiro via assalariamento)”.

O recurso pesqueiro, por sua vez, é o produto da pesca extrativa de origem marítima e é caracterizado por ser um recurso natural renovável, de propriedade comum e de livre acesso. Por essas características, a pesca extrativa, se não for controlada racionalmente, pode levar à

sobrepesca do recurso. Segundo Abdallah (1998), a sobrepesca ocorre quando se captura o pescado além de um nível máximo de rendimento biologicamente sustentável, gerando a redução do estoque natural do mesmo.

O PESPA (2007), estima que o sector das pescas contribua com 3%, pelo menos, para o PIB em Moçambique. As capturas marinhas do País rondam actualmente as 130.000 toneladas, das quais cerca de 91% são originadas na pesca artesanal, 2% na pesca semi-industrial e 7% na pesca industrial.

Indica ainda que em 2002, existiam nas águas marinhas nacionais 70.000 pescadores artesanais, 23.500 colectores de mariscos e 6.500 mergulhadores, totalizando 100.000 pessoas directamente dependentes da actividade de pesca artesanal. Estes utilizavam 16.500 artes de pesca, das quais 26% eram redes de arrasto de praia, 34% linha de mão e 19% rede de emalha de superfície. Pelo menos 15.250 embarcações eram utilizadas em actividades de pesca artesanal, das quais 60% eram canoas, 18% almadias tipo “Moma” e 15% lanchas. Apenas 3% do total das embarcações artesanais se encontravam motorizadas.

As comunidades de pescadores são constituídas por aldeias permanentes, na maioria com grandes carências no que respeita a infra-estruturas sociais e económicas. Estas comunidades encontram-se em toda a extensão da linha de costa e nas grandes massas de água continentais.

Conforme a região em que se localizam, estas comunidades apresentam grande diversidade no que respeita a tradições, organização social, técnicas usadas, rendimento

auferido e condição da mulher na comunidade o que implica necessidades e anseios quanto ao desenvolvimento e estratégias diversificadas. Por regra, as famílias de pescadores artesanais dependem não só da pesca e da colecta de produtos do mar mas igualmente da agricultura, venda de lenha, carvão e do comércio informal.

A pesca artesanal assume uma grande relevância na segurança alimentar do País, não apenas nos distritos costeiros onde se localiza dois terços da população do País, mas também nas regiões do interior, para onde, a par do peixe da água doce, é enviado o pescado capturado no mar depois de processado na forma de seco ou fumado, com ou sem sal.

A Baía de Maputo comporta populações de peixes, crustáceos e moluscos, que são a base de importantes pescarias, tais como a pescaria de magumba com redes de emalhar e a pescaria de camarão (Gjosaeter & Sousa, 1983). A população de *Hilsa Kelee* (magumba) é uma das mais importantes (Silva e Macia, 1991). A magumba. *Hilsa Kelee* é um pequeno peixe pelágico que ocorre nos estuários ao longo da costa de Moçambique (Silva & Sousa, 1988).

1.4. Objectivos

1.4.1. Objectivo Geral

Formular ideias e propor acções para que a actividade da pesca artesanal seja sustentável, e por conseguinte, haja uma melhoria das condições de vida das comunidades pesqueiras, usando como veículo de transmissão e base de sustentação desta, as Associações e os

Concelhos Comunitários de Pescas criados, bem como, definir mecanismos que possibilitem inculcar o espírito empreendedor no seio das comunidades.

1.4.2. Objectivos Específicos

- Avaliar o nível de conhecimento de práticas e condutas organizacionais da pesca artesanal nas comunidades pesqueiras;
- Avaliar o impacto das acções de apoio do Sector das Pescas no alívio à pobreza através da pesca artesanal da Baía de Maputo;
- Avaliar o papel da mulher e as estratégias que ela usa no alívio à pobreza no contexto da actividade da pesca artesanal.

1.5 - Problema

As comunidades pesqueiras de pesca de subsistência destinada à comercialização na Baía de Maputo disputam os mesmos locais de pesca com os pescadores que pescam para a sua alimentação. Estas comunidades utilizam para o efeito uma combinação de estratégias que envolvem um elevado número de embarcações, bem assim as artes de pesca modernizadas e as nocivas de pesca, nomeadamente: as redes mosquiteiras, sacos e outros meios para a captura do pescado. O facto é descrito como sobrepesca, e não observa o período de veda, conduzindo à perpetuação da escassez dos recursos pesqueiros. Esta atitude dos pescadores artesanais é derivada a uma combinação de factores que englobam a pobreza, o analfabetismo e obscurantismo e a falta de conhecimentos de gestão de negócios. Este segmento de pescadores artesanais da Baía do Maputo é pobre e carece da satisfação das necessidades

básicas (saneamento, águas saúde, educação, habitação). A situação aqui vincada é exacerbada por escassez de recursos financeiros e marinhos, meios de acondicionamento do pescado fresco, vias de acesso aos mercados e de transportes, crédito financeiro para desenvolver a actividade e apoio institucional. O pescador artesanal não partilha de informação e ajuda mútua privilegiando a competição com outros pescadores por escassos recursos pesqueiros, e sem equilíbrio de género.

Para ultrapassar o conjunto de problemas aqui apontados impõe-se uma acção conjugada de abordagens que envolvam: a criação de infra-estruturas básicas (águas saúde, educação, habitação), a criação de centros de formação vocacional especializada, a fiscalização intensificada das artes de pesca a toda a actividade, o abrandamento das taxas de licenciamento dos pescadores artesanais e o acesso dos benefícios de crédito dos fundos institucionais.

A questão que norteia este estudo é como realizar a pesca de subsistência na Baía de Maputo para reduzir a pobreza sem provocar o esgotamento dos recursos pesqueiros.

1.6 Hipóteses

- ❖ Na pesca artesanal de subsistência na Baía do Maputo impera o conhecimento empírico nas práticas e condutas organizacionais;

- ❖ O Plano Estratégico do Sector da Pesca Artesanal não beneficia as camadas mais defavorecidas da pesca de subsistência, naqueles locais;

- ❖ Na pesca artesanal na Baía de Maputo, a mulher é excluída da participação activa e actua como vendedora do pescado.

1.7- Importância do Estudo

O presente estudo irá permitir entender até que ponto os métodos adoptados para a resolução ou minimização do problema da pobreza no seio das comunidades de pescadores artesanais pode ser adequado. Igualmente os resultados do estudo poderiam se estender para as demais comunidades que se encontram ao longo da costa moçambicana, e que vivem nas mesmas condições pobreza.

O estudo irá oferecer subsídios para a busca de soluções com base na identificação dos constrangimentos reais na actividade da pesca artesanal, uma actividade muito comum ao longo da costa moçambicana, dependendo da natureza e do grau de dificuldades identificadas. Há necessidade de se inculcar o espírito proactivo no seio das comunidades pesqueiras, com vista a incentivar os pescadores artesanais a tornar esta actividade sustentável a partir de uma gestão eficiente, dinâmica e sobretudo com uma qualidade desejável.

CAPÍTULO II – REVISÃO DA LITERATURA

2.1 Classificação da pesca em Moçambique segundo a lei

Segundo a Lei 3/90 de 26 de Setembro, a pesca em Moçambique classifica-se em: pesca industrial, pesca semi-industrial e pesca artesanal. A Lei em referência classifica a pesca artesanal como sendo:

A de carácter local, realizada sem embarcação ou com embarcação cujo comprimento não excede em regra 10 (dez) metros de comprimento total, propulsionadas a remos, à vela, ou por motores fora de bordo, ou interiores de pequena potência, por períodos até vinte e quatro horas, utilizando raramente gelo para conservação do pescado a bordo e fazendo uso de artes de pesca tradicionais, tais como linha de mão, arrasto para a terra e emalhe de superfície.

Sob óptica sócio-económica ocupacional, o conceito de pesca artesanal pode ser definido ainda como sendo:

Um conjunto enorme e mal definido de pescadores, com dupla actividade, alternando agricultura e a pesca. Com efeito, a importância económica deste grupo infelizmente é mal conhecida ou mal medida, por sua actividade ser variável consoante o calendário dos trabalhos agrícolas, aos fenómenos migratórios, possibilidades de fontes alternativas e crédito de se desenvolverem, bem como o tipo de pesca utilizada. Uma actividade que geograficamente está concentrada nas zonas litorâneas, rios e baías, produzindo excedentes para a comercialização.

No período colonial, a pesca de pequena escala (PPE) era caracterizada pela ausência de uma política de desenvolvimento do sector, mantendo-se basicamente como actividade de subsistência, com pouca diferenciação social em relação a outras actividades primárias (agricultura e artesanato) e um modesto excedente, o que fez com que não atingisse sequer um estágio de pequena produção mercantil. Já (Namalué 2000:11) aponta duas razões operando em paralelo para o descalabro do subsector pesqueiro de pequena escala como estando ligado ao êxodo dos estrangeiros do país dos proprietários dos meios técnicos de produção que criou uma lacuna grande no subsector da pesca de pequena escala. Ele afiança que foi o desmoronamento da rede de cantineiros rurais na zona costeira que asseguravam o abastecimento de insumos de produção e bens de consumo aos pescadores artesanais nos anos que se seguiram à independência nacional, similarmente aos outros sectores económicos que agudizou a crise.

O Plano Director das Pescas aprovado pelo Governo de Moçambique em 1994, mostra o uso não racional dos recursos pesqueiros através de elevados índices de produção e procura reverter esta situação. Dentre as prioridades e estratégias de desenvolvimento a serem analisadas e implementadas nos anos subsequentes, destacou em relação a gestão das pescarias artesanais a necessidade do envolvimento dos pescadores na formulação e dinamização das modalidades de gestão. Antes da elaboração do Plano Director, a estrutura institucional do sector das pescas mudou em consequência do novo Programa de Reabilitação Económica no País (PRE). Neste processo foi criado o Instituto de Desenvolvimento da Pesca de Pequena Escala (IDPPE), com a responsabilidade de promover o desenvolvimento da pesca de pequena escala, (IDPPE/IIP, 1998).

A necessidade de adoptar uma política ou estratégia mais adequada à realidade actual de utilização dos recursos pesqueiros artesanais na costa moçambicana confere uma dimensão cada vez maior de identificação de opções e métodos de relacionamento homem/recursos pesqueiros.

2.2. Organização social das comunidades pesqueiras em Moçambique

O descalabro que se seguiu logo após a independência nacional forçou o a desdobrar-se com uma nova política sectorial. Neste contexto segundo Namalúé (2000:11) foi iniciado um processo que consistiu numa primeira fase, na mobilização dos pescadores para se organizarem em cooperativas de produção e na constituição de empresas estatais. É neste âmbito que surge a Unidade de Direcção da Pesca de Pequena Escala segundo narra este autor. Mais adiante, Namalúé (2000:11) mostra que o objectivo principal de implementar a nova política de apoio ao desenvolvimento do subsector da pesca de pequena escala culminou com a criação dos Combinados Pesqueiros (CP's) em 1979 como forma de melhorar a situação dos pescadores. Este modelo de organização da produção pesqueira veio a desaparecer em 1987 como resultado do programa de Reabilitação Económica (PRE) o mesmo tempo que se assistia à extinção da UDPPE e a criação do Instituto de Desenvolvimento da Pesca de Pequena Escala (IDPPE) e a Sociedade de Fomento Pesqueiro (SFP).

Tradicionalmente as comunidades pesqueiras estão organizadas numa base de subsistência. Mesmo nas comunidades onde as pessoas têm como sua fonte primária a pesca, a posse de terra para o cultivo, a criação de gado e as árvores de fruta diversas, constituem alternativa para a satisfação das suas necessidades básicas.

Estudos já realizados sobre a estrutura social das comunidades pesqueiras do País, sugerem a existência de três tipos de organização comunitária:

1. Aldeamentos onde os pescadores são parte de uma comunidade mista (predomínio de agricultores e/ou pastores);
2. Comunidades onde os pescadores constituem o grupo mais predominante, detendo a hegemonia na definição da estrutura social e, onde a economia local depende quase na totalidade da pesca;
3. Centros de pescadores, que podem ser permanentes ou temporários, basicamente construídos apenas com propósitos pesqueiros. (IDPPE, 1998). Gervásio, Tembe, Samuel, Lopes, Abdula e Afonso, (1998:11-12).

2.3. A Mulher na Pesca

Em Moçambique a pesca é uma ocupação tradicionalmente vocacionada para os homens, e as mulheres estão envolvidas em actividades de produção. Esta afirmação é sustentada pelos censos realizados pelo IDPPE (1998:12), os quais indicam-nos que somente 3.5% do total das pessoas registadas como estando envolvidas na pesca são mulheres. O estudo destaca que nas comunidades pesqueiras artesanais, a mulher é muito sacrificada pois, ela cuida do marido que é o pescador e dos filhos para garantir a estabilidade da família, cumulativamente com o trabalho do campo e do comércio informal geralmente. A mulher dedica-se à recolha de moluscos e crustáceos ao longo da costa, tarefas que se ajustam aparentemente à capacidade do seu esforço físico e ocasionalmente puxa as redes de

arrasto para a praia e ao processamento e comercialização de pescado, como mediadora entre o pescador e o consumidor.

Num outro estudo realizado sobre o papel da mulher nas actividades pesqueiras nas localidades de Costa do Sol Muntanhane e Catembe, Johnstone, & Cuambe (2003) revelam que a mulher tem uma participação activa nesta área e ela controla 75% do mercado pesqueiro nos principais mercados da Cidade de Maputo onde se envolve também na co-gestão nas estruturas de base das organizações pesqueiras. O estudo realça a exclusão da mulher nas actividades pesqueiras usando as redes de pesca e na comercialização do pescado por fraca acessibilidade à zona de Mutanhane que pode ser também consequência de ser um meio rural e do seu maior afastamento em relação ao centro da cidade de Maputo.

O envolvimento das mulheres na comercialização é elevado e visível nas zonas urbanas onde existe energia, gelo e mercados de consumo de peixe fresco. As mulheres pescadoras e vendedoras de pescado não têm qualquer relacionamento com as instituições financeiras e de crédito. Contudo, no sul do país, as mulheres que participam como vendedoras têm contribuído para elevar o nível de organização e as redes de solidariedade na pesca artesanal, tais como “xitique”, que aumentam os pequenos capitais e poupanças.

2.4. Constrangimentos no desenvolvimento da pesca artesanal

O desenvolvimento da pesca artesanal em Moçambique em geral e na Baía de Maputo em particular depara-se com muitos constrangimentos nomeadamente:

- O fraco conhecimento biológico, tecnológico e económico da pesca artesanal;
- O elevado custo e a indisponibilidade de meios e factores de produção, associados ao reduzido conhecimento tecnológico das comunidades artesanais, como factores limitantes para o maneio sustentável da actividade pesqueira; e
- O fraco conhecimento das realidades socioeconómicas das comunidades pesqueiras artesanais (IDPPE, 1998:13).

No conjunto dos constrangimentos do desenvolvimento da pesca artesanal, o decréscimo acentuado das capturas do pescado na Baía de Maputo é um deles e, se aponta como estando ligado à sobreposição das pescarias artesanais, semi-industriais e desportivas que exploram o mesmo espaço físico (IDPPE/IIP, 1998:20).

2.5. Estrutura de propriedade dos meios de produção na Baía de Maputo

Os meios de produção pesqueiros nas comunidades pesqueiras têm uma importância vital extrema na acumulação do capital resultante das capturas do pescado. Para melhor compreensão do tema este estudo analisa o tipo de propriedade subdividindo-a em dois grupos nomeadamente: o Proprietário e os tripulantes. O dono ou também conhecido por patrão é quem possui os meios de produção e decide sobre o destino da produção, o uso e investimento sobre os mesmos, mas não participa directamente no ofício da pesca. Os tripulantes trabalham em regime assalariado mas obedecem a uma hierarquia interna em que existe um chefe também designado por mestre. Todos os demais constituintes da equipe obedecem a ele. O salário dos tripulantes é pago em conformidade com os dias de pesca (IDPPE/IIP, 1998).

2.6. A Pesca Artesanal de Subsistência

A pesca artesanal de subsistência composta por colectores e pescadores serviu desde sempre como suporte da vida dos agregados familiares. Em Moçambique particularmente segundo o PESPA (2007:21), registou-se uma maior intensidade de pesca durante a década de 80 devido a guerra e da seca, altura em que houve grandes migrações da população rural do interior, para a zona costeira onde a actividade da pesca apareceu como última opção de sobrevivência das populações em maior risco.

Esta circunstância deve-se ao facto de a pesca ser uma das poucas actividades económicas que, desde que existam recursos pesqueiros disponíveis e de livre acesso a eles, pode ser exercida com recursos elementares (por exemplo arpões, zagaias, paliçadas para retenção do peixe em baixa-mar, gaiolas construídas com material local, fios e anzóis e pequenas redes de emalhar). Em tais condições, a pesca proporciona alimentação imediata e, eventualmente pequenos excedentes que podem satisfazer outras necessidades primárias de sobrevivência da família do pescador.

A pesca constitui então uma alternativa à qual recorrem as populações mais empobrecidas na sua luta pela sobrevivência. Embora os números não sejam conhecidos, é de admitir que no sub-sector da pesca artesanal, se mantenham índices de pobreza superiores à média nacional e provincial, tanto no mar como nas grandes massas de água continentais. Por esta razão, o sub-sector da pesca artesanal, em especial aquela que se situa ao nível da subsistência, tem uma dinâmica de entrada e saída de pescadores muito elevada. Esta mobilidade traduz-se não somente de movimentos em direcção a outras oportunidades de trabalho fora da pesca artesanal, mas também transferências para oportunidades oferecidas por outras actividades de pesca, em outros subsectores.

A informação descrita no parágrafo anterior acima é substanciada com maior detalhe pelos dados do último censo geral da pesca artesanal no País em 2007, no qual se indica que a Cidade e Província de Maputo no sul do País, são os que apresentam o menor nível de existência de Centros de Pesca. A Cidade de Maputo onde se encontram inseridos os 3 centros estudados, possui um total de 21 centros de pesca, sendo 2 localizados no estuário ou delta de um rio e 19 na praia, o que representa 1.7% do total no País, e 10.535 agregados familiares pesqueiros que representam 2.1%. O número de pescadores que não possui embarcações e sem artes convencionais é de 5.229 que representa 3.6% e

2.629 de tripulantes 2.2% com 576 embarcações de pesca, que representa 1.5% (IDPPE 2009).

O mecanismo do restabelecimento proposto é concretizado através de reduções do preço resultantes de uma maior oferta que não pode ser absorvida totalmente pelo mercado devido ao que Ricardo (2004:124) citando Roodt 2001 apelida de falta do “desenvolvimento centralizado nas pessoas” que inclui vias de acesso transitáveis entre os centros de pesca e os mercados consumidores, condições dos serviços de educação, incluindo a alfabetização, a saúde, abastecimento de água potável, energia eléctrica e acesso à comunidade, pelas comunidades dependentes da pesca artesanal. O PESPA (2007) acrescenta ainda a este respeito os efeitos negativos que uma pesca mais intensa provoca sobre as capturas médias mesmo que os estoques não se encontrem ameaçados.

Intervenções pontuais, como por exemplo aquelas que veiculam exclusivamente alterações tecnológicas, podem perturbar o precário equilíbrio em que se baseia a sobrevivência dos pescadores artesanais e remeter, acto contínuo, uma parte deles para níveis de pobreza ainda maiores. O desenvolvimento da pesca artesanal de subsistência não resulta assim de intervenções pontuais mas de alterações mais gerais abrangendo a sociedade e a economia. Esta argumentação é sustentada pela abordagem extensionista de desenvolvimento pesqueiro o qual julga que a injeção de capital financeiro para apoiar a pesca artesanal iria encorajar a maior demanda pelos pescadores mais pobres, por causa da melhoria do nível de capturas (PESPA, 2007:21).

É a falta do desenvolvimento centralizado nas pessoas acima referido que impede o equilíbrio entre as condições da pesca artesanal e o resto da sociedade se estabeleça a

níveis sucessivamente idênticos e mais favoráveis para os pescadores. Esta falta se repercute principalmente ao nível das infra-estruturas públicas de base. Aliás, a falta de infra-estruturas públicas de base não actua sozinha como ilustra o PESPA (2007:22) que a condição social dos pescadores artesanais é reforçada pela ausência da organização das comunidades para a resolução dos seus próprios problemas através de organizações comunitárias de base (OCBs), nomeadamente sob forma de associações de pescadores e conselhos comunitários de pesca (CCPs). Esta mesma obra quando aborda as comunidades pesqueiras mais empobrecidas, destaca que a solução dos problemas inerentes a este subsector reside na melhoria das infra-estruturas públicas para alcançar o mercado, (idem).

2.7. Pesca artesanal comercial

A pesca artesanal comercial representa um estágio de evolução da pesca artesanal de subsistência em que uma combinação de aspectos tecnológicos de pesca, processamento, manuseamento e conservação do pescado resultará na superação das falhas de mercado atingindo níveis de maior produção, como mostra a tabela 1, (PESPA 2007:22).

Tabela 1 _ Evolução das capturas por arte de pesca na Baía de Maputo em Ton/ano

Arte de Pesca	2002	2003	2004	2005	2006
Emalhe	3209	3849	3804	2415	1515
Linha de Mão	39	28	92	65	31
Arrasto de Praia	184	249	185	111	157

Fonte: Instituto de Investigação Pesqueira (2002-2006)

3 - CAPÍTULO III - METODOLOGIA

3.1 – Colecta de Dados

O estudo empregou métodos secundários através de levantamento e revisão bibliográfica e métodos primários com a realização de um estudo primário envolvendo o trabalho de campo com a recolha de dados. Em termos estruturais a recolha de dados primários apresenta muito maior flexibilidade e centra-se numa única comunidade, a de pesca artesanal. A unidade de análise é a comunidade. Segundo Marconi & Lakatos (1999), nas investigações em geral, nunca se utiliza apenas um método ou uma técnica, e nem somente aqueles que se conhece, mas todos os que forem necessários ou apropriados para determinado caso. Na maioria das vezes, há uma combinação de dois ou mais métodos usados concomitantemente. Para o caso vertente, o processo usado é a triangulação ou combinação de mais métodos que são: entrevista semi-estruturada; observação directa; inquéritos; tirada de fotografias e feitura de mapas sobre a área de estudo.

3.2. Definição da população e tamanho da amostra

A amostragem é por tipicidade, que segundo Marconi & Lakatos (1999) consiste na selecção de sub-grupo da população que, com base nas informações disponíveis, pode ser considerado representativo. O universo é de 420 famílias de pescadores, e foram seleccionadas para amostra um total de 28 famílias dos três centros de pesca estudados. Marconi e Lakatos (1999) citando Ackoff (1967:161), “tal sub-grupo é utilizado como ‘barômetro’ da população. Restringem-se as observações a ele e as conclusões obtidas são generalizadas para o total da população.

3.3. Plano de selecção de dados

Foi previamente elaborado um plano específico de selecção de dados para a organização e o registo das informações estabelecendo as categorias necessárias à análise da situação. Para a sua efectivação, recorreu-se à observação directa e intensiva que, segundo Marconi & Lakatos (1999) esta é realizada por meio da observação e entrevista, onde a observação é uma técnica de colecta de dados para conseguir informações e utiliza os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade. Não consiste apenas em ver e ouvir, mas também em examinar factos ou fenómenos que se deseja estudar. É um elemento básico de investigação científica, utilizado na pesquisa de campo e se constitui na técnica fundamental de Antropologia. A observação ajuda o pesquisador a identificar e obter provas a respeito de objectivos sobre os quais os indivíduos não têm consciência, mas que orientam o seu comportamento. Desempenha um papel importante nos processos observacionais, no contexto da descoberta, e obriga o investigador a um contacto mais directo com a realidade. É o ponto de partida da investigação social.

Marconi & Lakatos (1999) citando Selltitz (1965:233), sublinham que a observação torna-se científica à medida que:

- “ a. convém a um formulado plano de pesquisa;
- b. é planejada sistematicamente;
- c. é registada metodicamente e está relacionada a proposições mais gerais, em vez de ser apresentada como uma série de curiosidades interessantes;
- d. está sujeita a verificações e controles sobre a validade e segurança.”

Fazendo fé ao postulado por Markoni e Lakatos (1999), a recolha de dados para este estudo obedeceu a um plano cuidadosamente detalhado, com instrumentos de registo de dados tais como os formulários de inquéritos destinados a assinalar as respostas dos inquiridos, datas para a sua implementação e lugares específicos a inquirir as pessoas.

A codificação obedeceu a classificação dos dados, agrupando-os em categorias seguintes:

- Lugar que ocupa na pesca;
- Género – Homem/ Mulher;
- Tempo de permanência na pesca;
- Tipo de embarcação usada;
- Número de tripulantes;
- Tipo de artes de pesca usadas;
- Tipo de conservação do pescado;
- Níveis de captura em cada centro de pesca.

Do ponto de vista científico, a observação oferece uma série de vantagens e limitações, como as outras técnicas de pesquisa, havendo, por isso, necessidade de se aplicar mais uma técnica ao mesmo tempo. Neste caso foi associada a entrevista, que é definida como um encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de um determinado assunto, mediante uma conversação de natureza profissional. É um procedimento utilizado na investigação social, para a colecta de dados ou para ajudar no diagnóstico ou no tratamento de um problema social. Segundo Marconi & Lakatos

citando Good e Hatt (1969:237), a entrevista “ consiste no desenvolvimento de precisão, focalização, fidedignidade e validade de um certo ato social como a conversação”.

As autoras acima citadas referem ainda que trata-se de uma conversação efectuada face a face, de maneira metódica, proporciona ao entrevistado, verbalmente, a informação necessária. Alguns autores consideram a entrevista como um instrumento por excelência da investigação social.

Para a operacionalização deste processo com sucesso, foi necessário a prior manter diálogo com os representantes das Associações de Pesca da Costa do Sol (Sr Nhaca), Associação dos pescadores da Catembe (Sr Diogo) e de Mhuntainhane (Sr Mahoche), que são o elo de ligação entre as comunidades com outras entidades. As três individualidades aqui referidas têm um papel influente nas comunidades, na explicação sobre a importância da realização desta actividade, o que facilitou sobremaneira a realização das entrevistas. Concorreu ainda para a materialização deste trabalho, o facto de a pesquisadora conviver no seu trabalho com alguns colegas que indirectamente exercem a actividade pesqueira de pequena escala (são proprietários de pequenas embarcações). Os aludidos colegas sensibilizaram os demais pescadores, no sentido de facilitar a comunicação e obtenção de informações.

Durante a realização das entrevistas, foram registadas por escrito, todas as informações relevantes sobre aspectos sócio-culturais tais como: relação entre homens e mulheres no desenvolvimento da actividade da pesca, o tipo de apoio canalizado pelo Governo para o desenvolvimento das actividades nas comunidades pesqueiras, o nível de formação nas famílias, as epidemias mais frequentes, capacidade de acesso aos serviços de saúde, a

forma como é buscada a água potável, outras fontes alternativas de renda das famílias, entre outros, que possibilitaram a melhor compreensão sobre o estado de pobreza em que se encontram as famílias das comunidades pesqueiras artesanais.

As entrevistas foram realizadas faseadamente. No centro de pesca de Mhuntanhana, foram entrevistadas três senhoras, das quais duas são vendedeiras retalhistas (venda aos montinhos) de mariscos no chamado “mercadinho” local onde foram entrevistadas. A terceira senhora dedica-se a pesca com rede de arrasto nas margens e faz a colecta de bivalves e posterior venda a grosso (em latas ou bacias de mais ou menos 05 kg) às retalhistas, e foi entrevistada após a travessia para o centro de pesca.

No centro de pesca de Mhuntanhana, foram entrevistados dois pescadores porque os outros mostraram-se indisponíveis.. Os entrevistados relataram várias dificuldades enfrentadas, desde o desenvolvimento da actividade pesqueira sobretudo a falta de apoio institucional, a falta de instituições de microfinanças e a escassez do pescado, o que condiciona a baixa renda.

No centro de pesca de Costa do Sol, foram entrevistadas seis mulheres, sendo quatro colectoras e vendedeiras dos mercados do Bairro dos Pescadores, Triunfo e Mercado do Marítimo e, duas são vendedeiras grossistas que tem acordos com proprietários das embarcações. Foram também entrevistados quatro pescadores, dois dos quais são proprietários de pequenas embarcações. As dificuldades apontadas foram as mesmas, acrescidas das perdas pós captura por falta de meios de conservação do pescado, falta de

cais para descargas de pequenas embarcações, bem como do elevado custo dos insumos¹ de pesca.

No centro de pesca da Catembe, foram entrevistadas cinco mulheres, das quais três são vendedeiras de pescado no mercado da pontinha da Catembe, e duas são colectoras de moluscos e bivalves que posteriormente os vendem no mercado de Guachene.² Foram igualmente entrevistados dois pescadores, proprietários de pequenas embarcações e membros da Associação de Pescadores da Catembe. Aquí foram reportados os mesmos problemas apresentados nos outros centros de pescas, com maior destaque para o custo de transporte e da conservação do pescado, visto que o grande mercado para venda do peixe é a cidade de Maputo.

3.4. Apresentação dos Dados

A apresentação dos dados primários e secundários colhidos para substanciar este estudo obedeceu aos seguintes procedimentos:

- a) Processamento tabulação, categorização e descrição dos resultados;
- b) Agregação e ordenação dos dados;
- c) Construção de tabelas e gráficos e sua incorporação no estudo.

Análise e interpretação de dados

¹ /Os insumos de pesca são todos os bens usados para melhor praticar a pesca (o gelo, sal, isca, etc.)

² /Os filhos é que levam o produto para a venda no referido mercado.

A análise e interpretação dos dados consistiu no seguinte:

d) Comparação dos resultados;

Segundo Marconi & Lakatos, a análise ou explicação dos dados é a tentativa de evidenciar as relações existentes entre fenómenos estudados e outros factores. Essas relações podem ser “estabelecidas em função de suas propriedades relacionais de causa-efeito, produtor-produto, de correlações, de análise do conteúdo etc.” Cit in (Trujillo, 1974:178).

Na análise, o pesquisador entra em mais detalhes sobre os dados decorrentes do trabalho estatístico, a fim de conseguir respostas às suas indagações, e procura estabelecer as relações necessárias entre os dados obtidos e as hipóteses formuladas. Estas são comprovadas ou refutadas, mediante a análise.

A interpretação é definida como a actividade intelectual que procura dar um significado mais amplo às respostas, vinculando-as a outros conhecimentos. Em geral, a interpretação significa a exposição do verdadeiro significado do material apresentado, em relação aos objectivos propostos e ao tema. Esclarece não só o significado do material, mas também faz ilações mais amplas dos dados discutidos. Na interpretação dos dados da pesquisa é importante que eles sejam colocados de forma sintética e de maneira clara e acessível (Marconi & Lakatos, 1999).

Foram inqueridos no total 28 pescadores, dos quais 23 são proprietários de embarcações e representam 82.14% (sem incluir a tripulação), 03 são pescadores que não possuem embarcações e representam 10.71%, e 02 são empregados (trabalham para o patrão) e representam 7.14%.

De acordo com as circunstâncias das realidades detectadas nos três centros de pescas, foram entrevistadas no total 23 pessoas, das quais 14 são mulheres e 9 homens, o que representa 60.87% de mulheres e 39.13% de homens, distribuídos da seguinte forma: centro de pesca de Mhuntanhana (21.43% de mulheres e 22.22% de homens), centro de pesca da Costa do Sol (42.86% de mulheres e 44.44% de homens) e no centro de pesca de Catembe (35.71% de mulheres e 22.22% de homens).

O crescente esforço de pesca e a procura de melhores rendimentos, faz com que os pescadores artesanais com tendências comerciais, procurem a melhor maneira de conservar o seu produto. Neste contexto, a componente de conservação do pescado regista nos últimos tempos uma crescente procura de uso de gelo para o efeito, com demonstram os índices dos diferentes tipos de conservação de pescado mais praticados na Baía de Maputo, sendo que: 64% de pescadores faz a conservação à base do gelo, 18% fazem a fumagem, 11% secam o pescado sem sal e 7% secam o pescado com sal.

Durante as entrevistas, as mulheres referiram ainda que um considerável número de crianças das comunidades pesqueiras, sobretudo de Mhuntanhana e Catembe não frequentam a escola oficial. A religião está em primeiro lugar, pois os mais velhos acreditam que com maior aderência às práticas religiosas o poder divino pode acabar com a situação de pobreza. Nestas comunidades, as crianças desenvolvem actividades como o corte da lenha, buscam água da fonte, ajudam as mulheres nas colectas (nas machambas e na praia) e etc.

Na comunidade de Mhuntanhana as mulheres jovens com idades compreendidas entre 15 e 19 anos abandonam a escola devido ao estado de gravidez. Cerca de 25% das mulheres da comunidade pesqueira afirmaram que segundo a religião, o casamento é a primeira prioridade

definida por Deus. Pelo que, toda a mulher que atinge a considerada idade adulta deve se “casar”³ ou viver maritalmente.

A constatação verificada nas mulheres é igualmente extensiva para os homens jovens que frequentam a escola oficial. A política familiar obriga os homens a ganharem o seu próprio sustento. Assim os jovens devem aprender a pescar ou exercer outra actividade de rendimento. Nas comunidades pesqueiras, mais de 60% de jovens são pescadores artesanais, e, só possuem um nível de escolaridade que varia de 4^a a 6^a classe. Estas são manifestações claras de pobreza onde segundo a teoria das necessidades de Maslow, a satisfação da fome é uma das primeiras prioridades do ser humano.

Segundo Pisandelli (2009), Maslow, conhecido psicólogo⁴ apresentou uma teoria para explicar as razões da motivação, segundo a qual as necessidades humanas estão organizadas e dispostas em níveis, numa hierarquia de importância e de influência. Essa hierarquia pode ser visualizada como uma pirâmide, onde na base estão as necessidades mais primitivas (necessidades fisiológicas) e no topo as mais refinadas (necessidades de auto-realização), cada uma delas com um significado específico

Para uma elucidação pertinente descreve-se aqui o significado das necessidades fisiológicas. Elas constituem o nível mais baixo de todas as necessidades humanas, mas de vital importância. Neste nível estão as necessidades de alimentação, de repouso, de abrigo, de sexo, etc. As necessidades fisiológicas estão relacionadas com a sobrevivência do indivíduo e com a preservação da espécie. São necessidades instintivas que nascem com o indivíduo. São as mais prementes de todas as necessidades humanas. Quando alguma dessas não está

³ / O que significa: juntar-se a um homem, ser lobolada ou casar-se pela igreja ou registo civil.

⁴ / Consultor norte-americano

satisfeita, ela determina fortemente a estrutura comportamental do homem. “Uma pessoa com o seu estômago vazio não tem outra preocupação maior do que se alimentar”.⁵

A teoria da hierarquia de necessidades de Maslow pressupõe que entre outros aspectos somente quando um nível inferior de necessidades está satisfeito ou adequadamente atendido é que o nível imediatamente mais elevado surge como determinante do comportamento. Em outros termos, quando uma necessidade de nível mais baixo é atendida, ela deixa de ser motivadora, dando oportunidade para que uma mais elevada possa se desenvolver.

Portanto, os pescadores artesanais, por estarem a viver numa situação de pobreza absoluta, apenas vivem para atenderem às necessidades fisiológicas. Por esta razão, a educação formal para um nível mais avançado não consta da sua agenda primária.

⁵ /Pisandelli 2009 In: <http://www.psicologia.org.br/internacional/pscl45.htm>

CAPITULO IV - APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DE RESULTADOS

4.1 Introdução

O trabalho de campo realizado durante o período de Agosto e Setembro de 2008 nos três centros de pesca nomeadamente Mhuntanhana, Costa de Sol e Catembe, constatou que as comunidades pesqueiras têm o domínio da prática desta actividade, não obstante o facto de usarem artes de pesca tradicionais, visto que, não têm conhecimento das artes modernas que condicionariam uma melhor produtividade.

4.2 Condições habitacionais

As condições de vida dos pescadores da pesca de subsistência são precárias pois, estes se encontram desprovidos dos meios básicos de sobrevivência (habitação, água potável, saneamento, entre outros). Reporta-se que, ao longo do ano em cada família um ou dois membros contraem malária ou cólera sobretudo as crianças, segundo depoimento das esposas dos pescadores residentes nas zonas ribeirinhas de Mhuntanhana e Catembe. As casas são construídas à base de caniço e estacas, cobertas com palha de capim seco (vide foto 9) ou folhas secas de palmeiras e papelões e raramente com chapas de zinco. Geralmente as casas cobertas com chapas de zinco são maticadas com barro. Este tipo de habitações precárias dos pescadores fica submerso quando chove. As latrinas não melhoradas que se encontram ao nível do lençol freático nos períodos chuvosos criam um quadro de saúde dramático para estas comunidades pesqueiras.

Os motivos de escolha daqueles locais para habitar apontam o facto de se registar um aumento significativo de famílias que pretendem sobreviver da pesca por falta de emprego formal. A disputa das mesmas zonas de pesca ocorre, uma vez que esta é uma actividade de livre acesso praticada desde que as pessoas o desejem fazer e com as condições criadas para o efeito. O facto de a pesca ser uma actividade cansativa impõe que as famílias estejam a residir muito próximo dos locais de pesca considerados estratégicos para a pesca, para se conseguir uma melhor pescaria, mesmo expostos aos riscos. As populações locais buscam geralmente lenha retirada dos mangais para a confecção das refeições.

4.3 Situação Alimentar

Regra geral, as comunidades pesqueiras artesanais são pobres. As entrevistas realizadas com algumas mulheres no terreno apuraram que as famílias tomam normalmente uma refeição ao dia, e ocasionalmente, dependendo do rendimento do dia, duas refeições. A primeira refeição de manhã que é à base de “chá” que na maior parte das vezes não é usada a folha de chá mas sim, açúcar castanho (se houver), e água quente acompanhado de mandioca ou batata-doce (vide foto 2) e raramente com pão. Esta situação é devido a falta de dinheiro. A segunda refeição é tomada ao fim do dia, e é feita à base de mariscos, peixe ou verduras, retirados das pequenas machambas familiares (vide foto 1), acompanhados de papas feitas com farinha de milho também designada “**Xima**” ou mandioca que neste caso recebe o nome de **Karacata**⁶ e raramente com o arroz, devido à falta de poder de compra.

Segundo uma família entrevistada no Centro de Pesca de Guachene, esta chega a consumir o mesmo tipo de refeição três a quatro vezes por semana, porque não está em

⁶ /Como é designada na região norte do país Nampula, Cabo Delgado e Niassa

condições de variar a alimentação. “Consumimos o que conseguimos obter ao dia” assim relatou a família.

Porém, a maioria destas famílias possui animais de pequena espécie como galinhas e patos, e em alguns casos cabritos e cabras. Questionadas sobre como é que estes animais contribuem na dieta alimentar, estas comunidades responderam que os animais não servem para o consumo normal das famílias, mas sim vendidos para obter dinheiro ou são sacrificados em ocasiões especiais, tais como cerimónias e rituais familiares nomeadamente a chegada de um visitante, matrimónios, celebrações religiosas, entre outro tipo de eventos. O rendimento proveniente da venda do pescado, serve apenas para ajudar no sustento das famílias em termos de alimentação básica complementar como géneros alimentícios e de higiene, serviços de saúde, educação dos filhos entre outros, não sendo possível fazer qualquer poupança.

4.4. Condições de saneamento dos pescadores artesanais

Os índices de crianças que padecem da cólera e malária é elevado (cerca de 55%), porque em cada família com 5 ou 6 crianças, uma ou duas delas se encontram doentes ou já sofreram nalgum momento destas doenças. Em outros casos, os próprios chefes de família (esposa ou esposo) se encontram também na situação de doentes⁷.

Os postos sanitários não possuem capacidade para atender a demanda de doentes, quer de cólera quer de malária, aliado à escassez de assistentes de saúde (técnicos, enfermeiros, entre outros), equipamento médico e medicamentos. Não existem meios de transportes públicos,

⁷ /Depoimento dos pescadores de Mhuntanhana e Catembe (Mahone)

sendo que um e outro transportador particular o façam apenas uma ou duas vezes ao dia, de acordo com informações colhidas dos pescadores residentes em Guachene (Catembe) e Mhuntanhana.

Nestas comunidades não existe um sistema concebido de saneamento do meio (vide foto 12). Não existem latrinas melhoradas e, por imprudência e não falta de conhecimento das famílias. A roupa é lavada nos rios, onde acto contínuo se toma o banho uma vez ao dia. Cumulativamente, estas comunidades bebem água retirada dos poços (vide foto 3), riachos e outras fontes (vide foto 8) e contém uma dose elevada de impurezas e não é feito o tratamento dessa água para o consumo humano. Além disso esta água é salobra e por isso não é potável. Quando estas comunidades optam por consumir água potável vão acarretá-la a mais de 5 ou 8 km de distância.

Curiosamente, as famílias conhecem muito bem a rede mosquiteira mas, as que conseguem obtê-la, não usam-na para se protegerem dos mosquitos, esta é usada para pescar. A rede mosquiteira é considerada uma arte nociva a pesca, pois para além de pescado miúdo, este retira também as larvas e algas perpetuando deste modo a escassez do recurso marinhos. A rede mosquiteira é usada para pescar **mundlé** (um tipo de camarão muito fino, que não se desenvolve muito) que é muito consumido a nível da Baía de Maputo. Com o **mundle** geralmente prepara-se um prato tradicional, feito à base de leite de coco e amendoim.

As observações visuais directas feitas ao longo do estudo primário e entrevistas realizadas aos pescadores do centro de pesca de Mhuntanhana, mostram que as capturas de mariscos têm variado bastante com o passar do tempo. Este facto é devido ao esforço de pesca que se tem registado naquela zona pesqueira, em virtude do aumento constante do número de

operadores e embarcações de pesca artesanal. Os níveis de capturas de pescado tendem a decrescer ano após ano, conforme informação obtida através das entrevistas e inquéritos realizados e, confirmado através dos dados obtidos em relação às capturas por artes de pesca, fornecidas pelos pescadores (sobretudo os proprietários das embarcações) dos centros de pesca onde incidiu o estudo no ano de 2008.

4.5 - Tipo de artes de pesca empregue na pesca artesanal

As comunidades pesqueiras artesanais na Baía de Maputo praticam a pesca usando vários tipos de arte de pesca. Paralelamente ao aumento da procura de emprego na actividade da pesca artesanal como alternativa de subsistência, e o aumento de embarcações de pesca, registou-se um considerável aumento de artes de pesca usadas pelos operadores. Neste contexto, cada operador pode usar mais de uma arte de pesca, sobretudo para a rede de arrasto para praia. Dada a diferenciação de cada tipo tratamos em detalhe a seguir cada uma delas.

4.5.1 – Rede de Emalhar

A rede de emalhar de deriva é utilizada por qualquer tipo frota de pesca de emalhe. A rede é lançada ao mar pelos pescadores e mantida à deriva na água durante algum tempo, variando entre 5 e 30 minutos o tempo de permanência da rede na água. No caso da frota artesanal, o barco fundeia a um extremo da rede. A rede é depois puxada à mão pelos pescadores e o peixe é desemalhado. Cada rede é constituída por dois panos de 100 metros de comprimento cada. A altura é de monofilamento e tem cabo de bóias e cabo de chumbo. Cada barco tem um máximo de 6 panos. A rede de emalhar pode ter poucos metros e ser operada por dois pescadores a pé, ou pode ter quilómetros e constituir o principal instrumento de pesca dum

barco industrial. Ela é medida em polegadas, e é usada de acordo com o tamanho de peixe pretendido.

A rede de emalhar que é empregue na pesca de magumba *Hilsa Kelee*, um peixe de 3ª classe, mais consumida pelas populações de baixa renda proporciona “maior rendimento”⁸ devido ao seu amplo mercado. Na técnica de arrasto para a praia e a pesca a linha de mão, os valores cresceram exponencialmente. Por outro lado, a rede de arrasto para praia e a linha de mão apresentam cifras crescentes, devido a constante batalha levada a cabo pelos pescadores para a sobrevivência, que consiste no aperfeiçoamento das técnicas de pesca.

4.5.2.- Redes de Arrasto

As redes de arrasto são um tipo de artes de pesca em forma de saco que são puxadas a uma velocidade que permite que os peixes, crustáceos ou outro tipo de pescado sejam retidos dentro da rede. Uma rede de arrasto é formada essencialmente pelas seguintes partes: saco (fundo da rede); barriga de malha. As redes de arrasto podem ser puxadas manualmente por pescadores a pé, geralmente da praia ou de um banco de areia, denominado arrasto para terra ou para praia. A rede é geralmente lançada à água a partir duma embarcação (vide foto 6), que pode ser uma simples canoa ou uma lancha a vela ou a motor; uma ponta do cabo fica em terra e o barco faz um arco do tamanho da rede para entregar a outra ponta aos pescadores que se encontram do outro lado da praia.

Nas comunidades de pesca de Mhuntsanhana e Costa de Sol é frequente a prática da pesca de arrasto para terra (Sousa, 1984).

⁸ / A captura da magumba regista um índice maior (75%) relativamente a outras pescarias com se apresenta no gráfico nº 1

4.5.3.- Pesca a linha de Pesca

A pesca a linha é um dos métodos de pesca mais simples, que emprega basicamente um ou vários anzóis na extremidade de uma linha de pesca. A pesca a linha é realizada tanto como actividade comercial, ou como forma de subsistência, quer recreativa ou desportiva e, pode ser realizada com ou sem embarcação. A pesca a linha a partir de embarcações é designada pesca grossa. O gráfico n. 1 mostra a proporção das artes de pesca usadas e, a tabela 2, ilustra que da explanação feita acima depende-se que o decréscimo é verificado apenas na arte de pesca por emalhe.

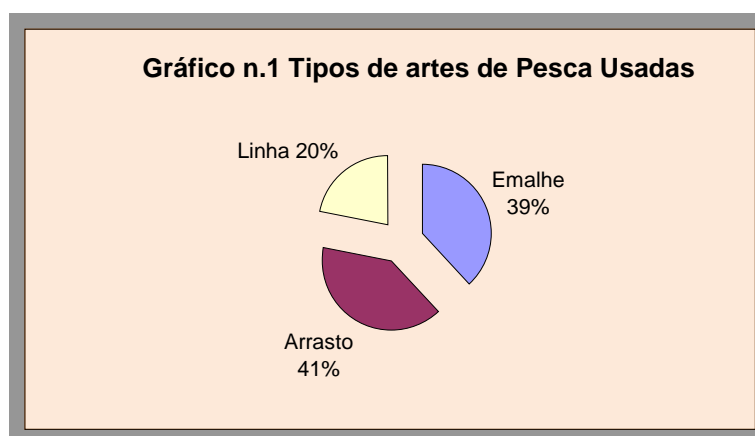


Tabela n. 2 – Evolução das pescarias artesanais por artes de pesca em toneladas

Artes de Pesca	2006	2008
Rede de Emalhar	1515	927,5
Arrasto para Praia	157	322,5
Linha de Mão	31	250

Fonte: IIP (2006) dados colhidos na área de estudo (2008)

Segundo Santos (2004:8), citando (Nédélec & Prado, 1990), a pesca a linha está classificada pela FAO⁹ no grupo “Linhas de mão” da categoria de “Linhas e anzóis”. Esta é uma arte passiva, na qual se destacam os locais de pesca e sua relação com o tipo de pescado que se deseja capturar e o período de dia em que se pratica.

4.6 - Níveis de rendimento da pesca artesanal

Os níveis de rendimentos fornecidos pelos pescadores artesanais, na pesca de subsistência, no centro de pesca de Mhuntanhana, por artes e espécie de pescado. Neste Centro de Pesca, operam geralmente entre 70 a 90 embarcações de pesca e não ultrapassando a 100, sendo o número elevado de embarcações a vela. Aqui, os pescadores usam com frequência a arte de arrasto para Praia. Na tabela nº 3 são apresentados dados das capturas de pescado realizadas em 2008.

Tabela 3 _ Rendimentos dos pescadores do Centro de Pesca de Mhuntanhane

Arte de pesca	Espécie de Pescado	Quantidades Kg/mês	Rendimento %/mês
Rede de emalhar	Magumba	262.5	75%
Arrasto de Praia	Camarão	35	10%
Linha de Mão	Peixe	52.5	15%
TOTAL		350	100%
Média de produção/ano		4200	

Fonte: Dados colhidos no centro de pesca de Mhuntanhana _ 2008

A actividade da pesca artesanal no Centro de Pesca da **Costa do Sol**, tem registado uma sobrepesca devido ao aumento de esforço de pesca. Este facto é ilustrado pelo número de embarcações que aumentou de 171 em 2007 para 184 só no I Semestre de 2008. Igualmente existia cerca de 187 pescadores em 2007 que operavam com as três artes de pesca aqui referidas neste estudo. Registou-se um aumento para 190 o número de pescadores no I

⁹ FAO – Food and Agriculture Organization of United Nations

semestre de 2008 usando as mesmas artes. Esta cifra refere-se apenas a pescadores licenciados¹⁰ o que faz com que haja uma considerável redução de recursos da pesca antes do período de veda. A tabela nº 4 apresenta os níveis de rendimentos dos pescadores do Centro de Pesca de Costa do Sol.

Tabela n. 4 – Rendimentos dos pescadores do centro de pesca de Costa de Sol

Arte de Pesca	Espécie de Pescado	Quantidades Kg	Rendimento/ Mês
Rede de Emalhar	Magumba	390	60%
Arrasto de Praia	Camarão branco	97.5	15%
	Camarão castanho	65	10%
Linha de Mão	Peixe	97.5	15%
TOTAL		650	100%
Média de produção/ano		7800	

Fonte: Dados colhidos no centro de pesca de Costa do Sol _ 2008

À semelhança do centro de pesca da Costa do Sol, o centro de **Pesca de Catembe** também tem registado o aumento do esforço de pesca (89 embarcações em 2007 e 112 no I Semestre de 2008), e (88 artes de pesca em 2007 e 130 no I Semestre de 2008). Apesar do apoio de que beneficiam em termos de conservação e escoamento do seu produto (através de pequenos operadores daquela região) os pescadores da pesca de subsistência, dizem sofrer bastante porque nem sempre tal apoio é canalizado, havendo por vezes necessidade de mobilização de elevados valores monetários (tendo em conta o fraco rendimento financeiro) para levar o seu produto ao mercado e garantir a sua conservação. Por outro lado, os recursos pesqueiros tendem a escassear em períodos muito curtos de tempo. O processo de venda é feito com senhoras vendedeiras em diversos pontos, com maior destaque no Porto de Pesca de Maputo. A tabela nº 5, apresenta os níveis de rendimento do pescado naquele centro de pesca.

¹⁰ /Informação obtida na Direcção Provincial de Pescas de Maputo.

Tabela n. 5 – Rendimento dos pescadores do centro de pesca da Catembe

Arte de Pesca	Espécie de Pescado	Quantidade Kg	Rendimento Mês
Rede de Emalhar	Magumba	275	55%
Arrasto de Praia	Camarão branco	50	10%
	Camarão castanho	75	15%
Linha de Mão	Peixe	100	20%
TOTAL		500	100%
Média de produção/ano		6000	

Fonte: Dados colhidos no centro de pesca da Catembe _ 2008

O maior índice de capturas na Baía de Maputo, é da Magumba *Hilsa Kelee* (vide gráfico n. 2), representando 75% das capturas realizadas nos três centros de Pesca ao longo do ano.



Estabelecendo uma comparação entre os centros de pesca, pode-se claramente notar que os Centros de Pesca de Costa do Sol e Catembe apresentam um rendimento relativamente maior em relação ao Centro de Pesca de Mhuntanhana, isto porque alberga um elevado número de embarcações que exercem a actividade pesqueira. Por outro lado, o elevado número de embarcações concorre para a sobrepesca que se tem reportado naqueles locais de pesca. Apesar da aparente redução do número de operadores no Centro de Pesca de Mhuntanhana, que afirmaram existir uma tendência para o aumento do esforço de pesca.

A tabela nº 6 apresenta a estrutura dos três centros de pescas em termos de esforços de pescas (artes de pesca incluindo embarcações) de pescadores artesanais comerciais que possuem uma organização relativamente estruturada, e licenciados para o exercício da pesca ao longo do ano de 2008. Nesta tabela pode-se observar que, dos levantamentos realizados através de recenseamento dos pescadores nos três centros de Pesca, o número de pescadores licenciados é inferior ao número de pescadores e embarcações existentes. Apesar de o acto de licenciamento recair sobre as artes de pesca usadas, pode-se deduzir que um considerável número de artes não é declarado. Este factor, influencia não só para a sobrepesca como também reduz significativamente a possibilidade dos pescadores de subsistência alcançarem rendimentos consideráveis.

Tabela n. 6 – Esforços de pesca na pesca artesanal comercial da área de estudo

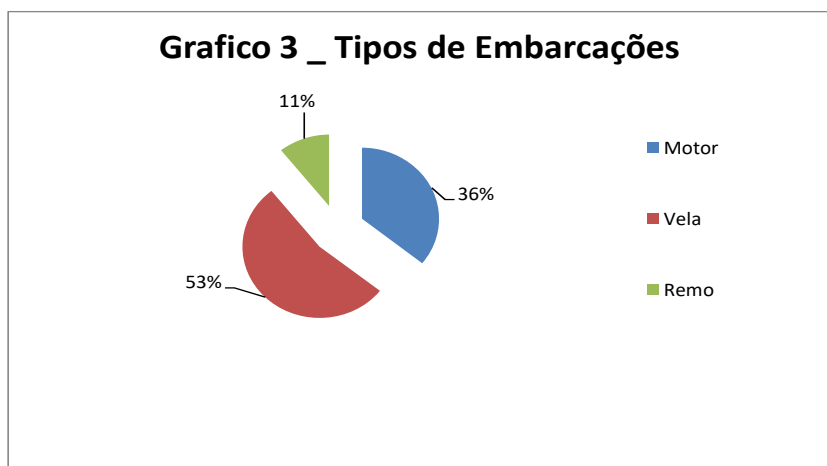
Centros de Pesca	Nº Pescadores	Barcos	Pesca a Linha	Emalhe	Arrasto a bordo	Arrasto de praia	Licenças
Mhuntanhana	55	49	10	42	-	27	39
Costa do Sol	191	187	117	19	-	23	182
Catembe	185	189	20	35	19	22	95

Fonte: Dados obtidos na Direcção Provincial de Pesca de Maputo_ 2008

4.7. – Tipo de embarcações usadas na pesca

O tipo de embarcações predominantes na pesca artesanal de subsistência é: - canoas e barcos a remo de fabrico artesanal e alguns barcos a vela (em menor escala) sem propulsão a motor, que geralmente tem de 4 a 6 metros de comprimento. De referir que, existe um número considerável de pescadores que vivem da pesca mas, não possuem embarcações de pesca. Segundo dados obtidos nos três centros de pesca, a prática da actividade da pesca de

subsistência tem vindo a registar uma redução de embarcações a remo apresentando 11% deste tipo de embarcação e um elevado número de embarcações à vela na ordem de 53% e 36% para embarcações com propulsão a motor, nos três centros de pesca que se situam na Baía de Maputo (vide o gráfico n. 3).



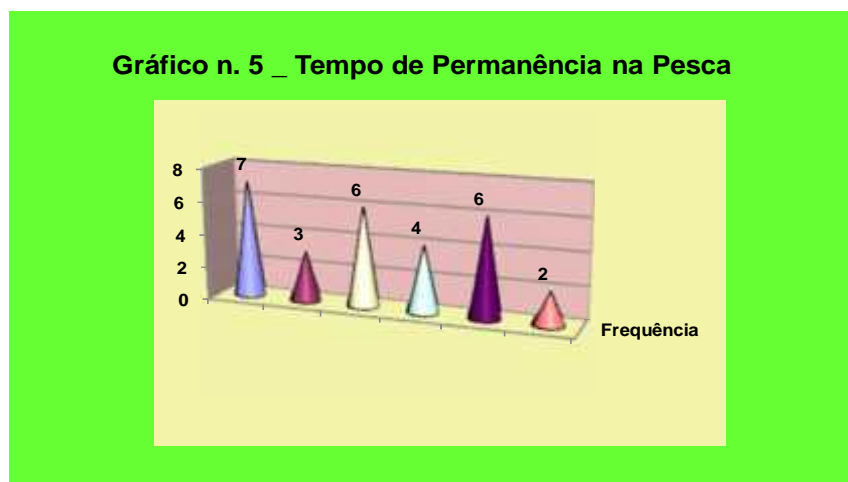
4.8. - Distribuição da Tripulação por embarcação que participa da faina

O número de tripulantes por embarcação, segundo dados colhidos indica que a maioria das embarcações é composta por 4 a 6 tripulantes que trabalham em grupos (vide foto 6). Esta frequência justifica-se pelo facto de a maioria dos pescadores não possuírem meios próprios de trabalho e por outro lado a grande mobilidade que se regista no seio da actividade pesqueira à procura de melhores condições de pagamento. Esta cifra é o número médio de tripulantes que os proprietários de pequenas embarcações empregam (vide gráfico n. 4).



4.9. – Tempo de permanência na pesca artesanal

Da análise feita, constatou-se que a maioria dos pescadores possuem o tempo mínimo (anos) de permanência na pesca que se situa entre 01 a 05 anos, não por serem novos na actividade mas, porque há tendência de mudanças constantes do patronato, sobretudo na pesca artesanal comercial, em que os membros da tripulação (pescadores) procuram melhores condições salariais (vide gráfico n. 5).



4.10 – TIPOS DE CONSERVAÇÃO DO PESCADO

4.10.1- Conservação à base de gelo

Com vista a garantir a manutenção da boa qualidade do pescado comercializado e consumido, a conservação é realizada desde a altura da captura, em embarcações preparadas para o efeito, com porões ou caixas, usando para tal o gelo granulado. O gelo geralmente é adquirido na fábrica de gelo do Porto de Pesca de Maputo (vide foto 16) e, em alguns casos, nas pequenas fábricas privadas. As embarcações são abastecidas de gelo antes de partirem para a faina. Este tipo de conservação é praticada basicamente pelas embarcações de pesca de tamanho que atinge e não ultrapassa os dez metros de comprimento e a maioria não usa motor a bordo, embora se classifique como pesca comercial. Esta classificação se deve mais aos níveis de captura que se destinam mais ao comércio que para o consumo. Este tipo de embarcações permanece muito tempo na pesca e, o índice de captura de pescado é relativamente elevado.

Este tipo de conservação preliminar permite que o pescado seja descarregado e fornecido nos locais de chegada ainda frescos, e com a qualidade recomendada para o consumo. O aquecimento global propalado como resultado das mudanças climáticas que se têm verificado nos últimos tempos traduz-se na tendência crescente de os pescadores conservarem o pescado a bordo usando o gelo.

4.10.2.- Secagem

A secagem constitui o recurso de conservação para pescadores de subsistência, e pode ser feita com sal (salga) ou sem sal. A secagem pode ser artificial ou natural. Nestas

comunidades o processo de secagem é feito naturalmente, onde o peixe é estripado e colocado em estendais que são expostos à irradiação solar (vide foto 7). Se for a salga, o peixe é colocado previamente em salgadeiras, numa solução de sal diluído durante algum período que pode ser de até três dias, ao que depois é retirado e posto a secar. Mas, os pescadores afirmam que usam mais a secagem sem sal como forma de minimizar custos.

4.10.3.- Fumagem

Este é outro método de conservação do pescado e mariscos, utilizando para o efeito o fogo e a fumaça, em fornos apropriados, e usa-se normalmente folhas da bananeira ou cascas de banana para abrandar o fogo. Depois de limpo, coloca-se o peixe de um dia para o outro em processo de fumagem. Além dos fornos, os pescadores usam também tabuleiros de chapa de zinco, para fumarem o camarão ou outro tipo de marisco, (vide fotos 4 e 5) que é previamente seleccionado. Este é outro dos métodos que os pescadores da pesca de subsistência da Baía de Maputo dizem usar com frequência, para a conservação do pescado (vide gráfico 6).



4.11 - CONDIÇÕES SOCIAIS

4.11.1- Situação socioeconómica

Os pescadores das comunidades da pesca artesanal estudadas têm um fraco nível de escolaridade, dos inquéritos realizados, foi possível apurar que a maior parte dos jovens entre os 18 e 35 anos possuem baixo nível de escolaridade, que se situa entre 3^a e 6^a classe, o que representa acima de 60% do total de 28 e, dos 35 anos para adiante com um nível que varia entre 1^a e 3^a classe, representando cerca de 36% (vide gráfico n^o7).



Na pesca de subsistência, as comunidades não cooperam abertamente com vista a atingir uma auto-realização conjunta que poderia resultar num associativismo, entre outras formas de organização. Os pescadores praticam a actividade pesqueira de forma isolada, não permitindo a troca de experiências e da informação. Este solitarismo está enraizado no individualismo como forma de competição para ver quem apanha mais pescado e atinge uma estabilidade financeira.

A falta de capital financeiro derivado dos fracos rendimentos na pesca por um lado e por outro a dificuldade de fazer poupanças financeiras, coloca os pescadores artesanais de subsistência em desvantagem no uso das artes de pesca. Este segmento de pesca de subsistência usa artes rudimentares e inadequadas incluindo as respectivas embarcações

enquanto que, os outros pescadores da pesca comercial utilizam artes modernizadas e adequadas à pesca pretendida, com embarcações motorizadas essencialmente na Costa do Sol e Catembe.

Na pescaria de camarão, a **magumba** *Hilsa Kelee* é uma das espécies mais capturada e é considerada como “fauna acompanhante”;¹¹ sendo as outras espécies mais predominantes ao longo da Baía de Maputo alistadas no anexo IV.

4.11.2. A comercialização do pescado artesanal

A falta de vias de acesso e meios de transporte adequados, é uma dificuldade para a comercialização do pescado da pesca artesanal. Este constrangimento tem criado prejuízos avultados aos pescadores, pois, quando estes percorrem longas distâncias até chegar ao local de venda, o produto está sem qualidade ou mesmo deteriorado. Esta situação regista-se com menor frequência nos centros de pesca de Costa de Sol e de Catembe, pois estes se encontram em vantagem relativamente ao aspecto de escoamento do seu produto. As associações de pescadores artesanais nos centros comunitários da pesca artesanal e a pesca comercial têm-se apoiado mutuamente jogando um papel influente aos pescadores da pesca de subsistência no transporte do seu produto mediante pagamento de um valor simbólico, e de acordo com as quantidades a serem transportadas. A existência de algumas viaturas e um maior número de embarcações motorizadas possibilita a chegada mais rápida do pescado aos mercados, aliado ao uso de gelo para conservação do produto.

Os pescadores têm “acordos” com senhoras vendedeiras de vários pontos da cidade e arredores, para garantir a comercialização do pescado. Os pescadores procedem à entrega do

¹¹ /É considerada de fauna acompanhante, toda a espécie de marisco capturado no decurso da pescaria de camarão.

seu pescado a mulheres que o colocam às comunidades residentes nas áreas de estudo (vide foto n. 18) e em mercados dos Bairros: dos Pescadores, Triunfo e Mercado do Peixe, mercado de Catembe entre outros. Os locais onde há afluência de barracas que vendem diversos tipos de bebidas alcoólicas são um mercado preferencial para a venda de certos tipos de pescado como a magumba *Hilsa Kelee*.

Este estudo constatou durante as entrevistas e observação no terreno, que um número considerável de mulheres dedica-se a colecta de caranguejos, moluscos e bivalves (amêijoas, mexilhões, entre outros) (vide foto 17, 18 e 19), que servem para o consumo e comercialização.

Na pesca de subsistência não se procede ao processamento do pescado, o que contribui negativamente para a sua fraca comercialização. Aqui, os pescadores apenas fazem a selecção do pescado em tamanho e espécie.

Devido ao baixo rendimento na actividade pesqueira de subsistência, maior parte dos pescadores tem se dedicado a outros tipos de actividades para além da pesca, tais como carpintaria, marcenaria entre outros, como empregados assalariados, com vista ao aumento do rendimento familiar. Os pescadores referem que os salários são baixos e variáveis e se situam entre os 800,00Mt (oitocentos meticais) e 1800,00mt (mil e oitocentos meticais)¹².

4.12 - A Pesca Artesanal Comercial

Este tipo de pesca regista maior índice de captura de camarão branco *Penaeus indicus*, (vide foto 19) camarão castanho *Metapeneus monoceros*, que por vezes é exportado para

¹² /Segundo relatos de pescador da Costa do Sol, em entrevista com a autora deste estudo.

a Europa. Este negócio contribui em parte para a economia do País com a entrada de moeda externa. O pescado destinado a exportação é processado e tratado com base em produtos químicos próprios como por exemplo a solução da água, metabissulfito de sódio e gelo para a conservação do camarão mantido em câmaras de choque. Este processo de tratamento evita as manchas escuras como forma de garantir a manutenção da qualidade do pescado por períodos longos de tempo.

4.12.1- As práticas socioculturais e a pesca artesanal

No início, há quando da fixação destas populações na Baía de Maputo, houve uma situação de conflito entre os nativos da região e os imigrantes, pois estes ocupavam terras que se dizia “pertencerem”¹³ aos nativos. As diferenças culturais e de religião não tiveram grande impacto porque cada grupo praticava os seus usos e costumes desde que não houvesse interferências nos locais de pesca, entre os grupos.

De acordo com cada religião, os rituais diferem na maneira de praticar mas, todos tem a mesma finalidade (conseguir melhores pescarias). Esta constatação foi feita também por Gervásio *et al.* (1998:13) no seu estudo sobre a co-gestão na pesca artesanal na Baía de Maputo. Para cada época de pesca e de acordo com as marés, para a boa pescaria de dia ou de noite existem o local e a hora própria para o ritual.

Os mitos protagonizados pelos anciãos nas comunidades pesqueiras que supostamente têm poderes de se comunicar com os ancestrais através de certos rituais envolvendo

¹³ /Para estas comunidades, até hoje não consideram a terra como propriedade do Estado como reza a lei moçambicana.

homens chefes dos agregados familiares, acreditam ser uma prática para obter melhores resultados na pesca.

São diversas as religiões praticadas ao longo da Baía de Maputo, sendo as mais predominantes: Velho Apóstolo, Doze Apóstolos, Metodista Unida, Zion, Assembleia de Deus.

As mudanças que se vão operando no meio ambiente, como o aquecimento global, e as intempéries que se tem registado contribuem para a baixa de captura de pescado. Todavia, as comunidades vão ganhando a consciência de que não só depende a actividade da pesca dos rituais, mas também existem factores naturais e humanos (a degradação do ambiente no geral, e o aquático em particular) que influenciam de várias maneiras a actividade. Porém, ainda existem pescadores que acreditam que as mudanças que se têm verificado têm origem na falta de observação do que os ancestrais recomendam. Nas comunidades de pescadores artesanais sobretudo da pesca de subsistência, ainda prevalecem os mitos e tradição de que só os homens podem exercer esta actividade, cabendo a mulher a tarefa de cuidar da família e fazer pequenas machambas.

4.13 - O impacto do papel da mulher nas comunidades pesqueiras

Durante as entrevistas, as mulheres mais jovens foram mais receptivas pois, dada a explicação sobre o propósito e a importância do trabalho que era levado a cabo, aceitaram a entrevista na expectativa que esta ajude na busca de soluções dos seus problemas sociais e básicos. A maior ansiedade dos entrevistados é que o governo crie condições (infra-estruturas

no geral)¹⁴ que possam facilitar o desenvolvimento das actividades das comunidades residentes nas áreas de estudo.

Elas referiram que das colectas de moluscos e bivalves bem como do pescado fornecido pelos pescadores (vide foto 14), fazem a selecção (separação em tamanhos e espécies), sendo que, os considerados de melhor qualidade são comercializados e o que resta é que serve para o consumo. Por outro lado, elas dedicam-se a confecção do pescado e mariscos sobretudo da magumba (grelhada ou frita) e de camarão miúdo, que serve de “petisco” para a maioria da população consumidora de álcool nas pequenas barracas e nos locais de venda de bebidas tradicionais caseiras, como: “**Xilalassana**” (feita a base de ananás), mal coado (feito a base de farelo de milho), “**thonthonto**” (feito a base de cajú e outras frutas que são destiladas para formar uma aguardente tradicional). Estas afirmaram que devido a falta de condições para conservação do seu produto e aliado as altas temperaturas que se fazem sentir nos últimos anos, os mariscos que não são vendidos a tempo perdem a qualidade e consequentemente baixa o preço e por vezes deterioram-se e são levados para o lixo, representando um grande prejuízo.

Do cenário acima descrito, é possível depreender que a mulher desempenha um papel fundamental no seio familiar, pois, as suas actividades não menos importantes contribuem significativamente para incrementar o orçamento familiar. De referir que a produção vinda da pesca praticada pelos homens, também é comercializada pelas mulheres (vide foto 13).

Os Centros de Pesca da Costa do Sol e Catembe possuem Associações e Conselhos Comunitários onde estão envolvidas algumas mulheres (não pertencentes a pesca de

¹⁴ /Vias de acesso, habitação, electricidade, água potável, saneamento, transporte, etc.

subsistência mas sim à pesca comercial), outro grupo de mulheres que constitui o Grupo de Poupança de Crédito Rotativo (PCR).

Nestas comunidades, algumas mulheres dizem haver períodos em que são obrigadas a pescar nas margens, quando os maridos estão impossibilitados de o fazer, por doença, viagem ou outro tipo de impedimento. Elas pescam usando pequenas redes de arrasto para praia e referem que a produção total diária não ultrapassa os 10 Kg por pessoa.

4.14 - Estrutura organizacional das comunidades pesqueiras

Nas comunidades de pesca de subsistência, não existe cultura de organização social (à excepção da pesca artesanal comercial), as actividades são realizadas de forma dispersa, onde cada elemento da família busca o alimento do dia, de acordo com as suas condições físicas e psíquicas e capacidades financeiras. No centro de pesca de Mhuntsanhana não existe nenhuma associação, tendo sido formalizado no primeiro trimestre de 2008 o Conselho Comunitário de Pesca.

4. 15. _ Discussão dos resultados

4.15.1 – Situação ambiental marinha

Com vista a uma melhor avaliação do impacto da interacção entre os pescadores artesanais e o meio ambiente na Baía de Maputo, foi necessário perceber até que ponto estes têm conhecimento sobre a importância da sua preservação no geral e o habitat marinho em particular.

De acordo com as constatações do estado da costa em termos de estrutura, sobretudo nos Centros de Pesca de Mhuntanhana e Costa do Sol, foi notório o estado de degradação pela erosão que esta apresenta, (vide foto 10). Das entrevistas realizadas, a maioria dos pescadores demonstrou ter algum conhecimento sobre a necessidade da preservação do meio ambiente e sobretudo do impacto deste no habitat marinho. Porém, os pescadores referiram que devido às dificuldades enfrentadas, pois estes vivem numa situação de carências crescentes, são obrigados a violar o princípio de preservação do ambiente para garantir a obtenção de meios para a sua sobrevivência¹⁵.

A principal causa da degradação da costa consiste no corte dos mangais para a extracção da madeira que é usada para a construção de pequenas embarcações de pesca, estacas para construção de habitação e, é maioritariamente utilizado como lenha de cozinha, (vide foto 11).

Dentre os habitats encontrados na Baía de Maputo os que influenciam a dinâmica dos ecossistemas desta área são mangais. A Baía tem cerca de 11.150 ha de pântanos de mangal Baloi & Pinto, (2001:7), citando (Kalk, 1995). Os canais de mangal são ricos em matéria orgânica, por isso, os restos submersos de madeira e pedaços de coral morto rapidamente cobrem-se de micro flora e fauna, tornando-se assim em campos de alimentação e protecção de juvenis de diversas espécies de peixes e crustáceos.

De acordo com o Centro de Desenvolvimento Sustentável para as zonas costeiras em Moçambique, os mangais constituem formações de reconhecida riqueza tendo um papel importante na regulação do meio ambiente e, um alto valor económico. É também um sistema

¹⁵ /Este depoimento foi secundado pela Dra Maria Ascensão Pinto do IDPPE

que tem funções de “limpeza” da água que é drenada da terra para o mar (até uma certa capacidade filtra elementos como toxinas, químicos, hidrocarbonetos, etc.) o mangal é importante na preservação da erosão da costa e das margens dos rios, na redução das cheias e na reprodução das espécies marinhas.

A destruição dos mangais, compromete a manutenção do habitat das espécies marinhas, sua reprodução e desenvolvimento, para além da erosão da costa e das cheias. Esta situação evidentemente que perpetua a condição de pobreza destas comunidades. Face ao exposto, pode-se depreender que este facto concorre em grande medida para a escassez do pescado como referiram as comunidades pesqueiras.

4.16 – Apoio Institucional à Pesca Artesanal

O Fundo de Fomento Pesqueiro (FFP) foi criado em 1988 e iniciou a sua acção como mero executor dos programas de investimento público. Neste âmbito, ao FFP, cabia apenas assegurar a disponibilidade dos fundos destinados ao financiamento dos programas e projectos de promoção do desenvolvimento das pescas, aprovados pelo Governo e executados pelos órgãos do sector. Em 1996, o FFP passou a assumir o sub-mandato de crédito e de empreendimentos.

Actualmente, o FFP gere/coordena linhas de crédito sob a forma de intervenção directa e indirecta. As condições gerais aplicadas, desde o ano 2000 são as que se podem observar a seguir:

- Taxa de juro fixa de 16%;
- Prazo de reembolso que varia de 1 a 5 anos;

- Período de diferimento varia de 1 a 6 meses;
- Prestações pagas mensalmente;
- Não são exigidas garantias reais; e
- Não é exigida comparticipação do beneficiário.

Segundo o Presidente do Conselho de Administração¹⁶ do Fundo de Fomento Pesqueiro, o sector das pescas, tem desenvolvido acções de apoio à pesca no geral e à pesca artesanal em especial, no que diz respeito a acções para o desenvolvimento e melhoramento das condições de vida das comunidades pesqueiras, através de concessão de créditos, gestão do património e promoção de empreendimentos no sub-sector da pesca artesanal, pelo FFP.

É apontada como estratégia do FFP para contribuir na segurança alimentar e combate a pobreza, o estabelecimento de (i) parcerias com Governos distritais tendo em vista a utilização dos Fundos de Investimento de Iniciativa Local (FIIL); (ii) adopção de micro-projectos para a promoção dos empreendimentos e (iii) garantir a implementação dos programas de crédito e empreendimentos no âmbito dos projectos aprovados para o sector.

Os créditos são geralmente concedidos através de fornecimento de material de pesca (pequenas embarcações, redes de pesca e outros) mediante as solicitações apresentadas à comissão de créditos pelos diferentes representantes locais das pescas (localidades, distritos e outras) às respectivas Direcções ou Serviços Provinciais, que se encarregam da respectiva gestão, e, os pescadores comprometem-se a pagar através de amortizações, o custo dos materiais fornecidos em prazos definidos e de acordo com o nível de rendimentos declarados

¹⁶ Dr Manuel Gonçalves/ PCA do FFP

pelos pescadores mensalmente. O valor a pagar varia de acordo com as receitas obtidas pelos pescadores e, quanto maior for a receita obtida maior será o valor a pagar e vice-versa.

Para que um pescador beneficie de crédito, constitui condição “*sine qua non*” que esteja licenciado para exercer a actividade pesqueira, como forma de garantir um melhor acompanhamento e uma boa gestão dos financiamentos¹⁷. A tabela 7 apresenta os créditos concedidos pelo FFP aos centros de pesca estudados na Baía de Maputo em valores monetários, durante o ano de 2008. O grande problema que o FFP enfrenta com os referidos créditos, é a falta do cumprimento dos reembolsos dos mesmos por parte dos pescadores da Baía de Maputo.

Tabela n. 7 – Carteira de créditos em curso no IDPPE/FFP na Delegação de Maputo em 2008.
Valor em MT

Nº	Distrito/Centro de pesca	Número de Beneficiários	Valor		Amortizado		Total
			Contrato	Prestação	Março	Maio	
1	Inhaca	12	97805,39	10072,71	3364,99	200,00	3564,99
2	Matola	69	1428045,89	119003,82			
3	Manhiça	181	827409,59	68680,58			
4	Boane	29	99885,37	13777,29			
5	Catembe	69	2998968,14	249914,01			
6	Costa do Sol	64	2510019,81	209168,32			
7	Mhuntanhana	61	2961042,25	246753,52			
	Total	485	10923176,44	917370,25	3364,99	200,00	3564,99

Fonte: Fundo de Fomento Pesqueiro Delegação do IDPPE/FFP de Maputo

A carência dos reembolsos nos créditos concedidos aos pescadores artesanais licenciados está relacionada com duas razões nomeadamente: a falta de gestão eficiente da actividade pesqueira que os pescadores artesanais exercem e a dimensão da compreensão do estímulo prestado pelo governo a este segmento de pescadores que é interpretado como uma doação, por os pescadores se considerarem pobres e logo julgam que é tarefa do governo apoiá-los. A ausência de reembolsos colectiva que se verifica nos centros de pesca sugere uma acção

^{17/} Informação fornecida pelo Dr Alfredo V. Massinga do FFP

concertada entre os pescadores beneficiários do crédito como uma dinâmica do grupo em forma de “solução colaborativa do problemas e comunicação” (Robbins 2002:220), e que aquele que paga a dívida estaria a trair os seus colegas que não honram seus compromissos.

No país existe uma e única escola de pesca sediada na Cidade da Matola, província de Maputo. Esta escola não tem áreas específicas de formação em termos de tipo de pescaria praticada (industrial, semi-industrial ou artesanal). A formação é genérica, e contempla matérias como tecnologia de Pesca (tem a ver com as artes e embarcações de pesca), tecnologia de pescado (tem a ver com o manuseamento, processamento, congelação entre outros), reparação e manutenção de motores de embarcações de pesca, segurança no mar.

Relativamente à pesca artesanal, pouco são os benefícios conseguidos em termos de formação pois encontra-se distante das comunidades pesqueiras, sendo que à medida do possível a escola promove cursos de curta duração nos Centros de Pesca (vide foto 21), o que pressupõe a deslocação de pessoal preparado para o efeito, dependendo também da disponibilidade de fundos alocados (Bomba - 2009)¹⁸.

A outra estratégia adoptada pelo sector das pescas para a melhoria das condições de vida das comunidades pesqueiras, é o desenvolvimento da aquacultura, com especial destaque para a piscicultura (vide foto 22) que na componente da pesca artesanal é suposto aumentar os níveis de rendimentos e de emprego.

O estudo constatou que até à altura que foi realizado e concluído não havia no terreno nenhum pescador artesanal de subsistência que estivesse a beneficiar quer dos fundos do FFP quer de formação, na Escola de Pescas. Os argumentos apresentados pelos factos aqui

¹⁸ Director de Escola de Pesca, entrevistado pela pesquisadora em Abril de 2009.

descritos pelas duas instituições são de que o pescador de pesca de subsistência não tem licença, enquanto que para a Escola de Pesca, ela não dá formação específica para a pesca artesanal. Mas, o pescador artesanal continuará a pescar para a sua subsistência.

CAPÍTULO V – CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

5.1 Conclusões

A pesquisa constatou com base nas entrevistas e observação directa no terreno que a actividade da pesca artesanal possui potencialidade em recursos marinhos tendo em conta as zonas litorâneas, as grandes massas de água continentais, que bem geridos e com uma pesca responsável, pode se tornar sustentável. Para que este facto se torne em realidade, várias são as acções que devem ser levadas a cabo como, a formação formal (privilegiando a criação de mais escolas técnicas, de artes e ofícios, entre outras) e específica dos pescadores artesanais, e piscicultores de pequena escala, como parte integrante da formação, sobretudo para os mais jovens. A acção de formação permitirá uma melhor e sólida realização da actividade pesqueira, e uma gestão racional dos recursos pesqueiros, abrindo assim uma maior perspectiva para outros horizontes de emprego, e empreendedorismo.

O alcance de melhores resultados nas comunidades pesqueiras passa necessariamente pela eliminação das seguintes barreiras:

- a. A resistência às mudanças comportamentais, ligada a aspectos culturais (hábitos e costumes). Nestas comunidades os jovens têm um baixo nível de escolaridade (ensino básico) e um considerável número de crianças não frequenta a escola porque é obrigado a ajudar os seus pais na busca da alimentação;
- b. Fraca capacidade de exercer uma gestão adequada, quer sobre os meios de produção, quer sobre os recursos naturais, humanos, financeiros e culturais.

Na Baía de Maputo, a actividade da pesca artesanal comercial, é a que regista maiores índices de capturas de pescado que abastece o mercado interno e externo (União Europeia). A maioria dos pescadores deste subsector possui licenças de pesca e, é a que beneficia de acesso a créditos concedidos até a altura pelo Estado através de órgãos do sector das pescas, visto que nesta área de estudo não existem instituições de microfinanças. Por outro lado, há necessidade de criação de condições e infra-estruturas melhores de desembarque e processamento do pescado.

A pesca artesanal tem sido muito concorrida nos últimos anos devido ao elevado índice de desemprego que o país regista. Muitos desempregados encontram na pesca uma alternativa de emprego como assalariados para a sua sobrevivência. Este é um dos principais factores que contribui para a sobrepesca.

O estudo constatou no terreno a existência do uso crescente das artes nocivas à pesca como o emprego da rede mosquiteira, o que tem influenciado negativamente os rendimentos na pesca artesanal no geral, contribuindo deste modo para a escassez do recurso.

O sector das pescas através do IDPPE tem envidado esforços no sentido de apoiar as comunidades pesqueiras artesanais para a melhoria da sua actividade através de treinamentos e capacitação para o exercício da actividade pesqueira, bem como para o uso sustentável dos recursos marinhos e ambientais. Contudo, há que referir que este treinamento ainda não surte o efeito desejado pois, o número de técnicos extencionistas preparados e alocados para trabalhar junto às populações daquelas comunidades é reduzido, o que não permite abranger todas as comunidades. Por outro lado, estes técnicos necessitam de estar doptados de mais preparação em termos de formação académica.

A aprovação do Plano Estratégico Para o Sector da Pesca Artesanal (PESPA) em 2007 criará condições de apoio ao melhoramento das condições de vida dos pescadores artesanais que vivem na situação de pobreza. Este plano está muito dependente da criação de infra-estruturas (escolas, vias de acesso, água potável, transporte, postos de saúde, mercados entre outros) de que o sector necessita, para que se melhore o desenvolvimento da actividade da pesca artesanal no geral.

Na pesca artesanal, a mulher não exerce o papel de pescadora como actividade principal, mas ela actua como comerciante e colectora de moluscos, bivalves, caranguejos entre outros, que servem para incrementar a renda familiar. A actividade praticada regularmente pela mulher nestas comunidades é a agricultura de machambas familiares de subsistência.

Testagem das hipóteses

A **primeira hipótese**, segundo a qual, na pesca artesanal de subsistência na Baía do Maputo impera o conhecimento empírico nas práticas e condutas organizacionais a pesquisa provou ser verdadeira pois, os pescadores artesanais das comunidades pesqueiras têm um nível de escolaridade muito baixa e falta de formação específica para o exercício da actividade pesqueira. De facto, mais de 60% de pescadores jovens, da faixa etária dos 18 aos 35 anos possuem um nível que varia entre a 3ª e 6ª classe e, perto de 40% possui entre 1ª e 2ª classe. Os pescadores de subsistência guiam-se pelas práticas costumeiras de socialização primária baseada na família. Contudo, eles sabem que existem formas de organização profissional que é a associação. Porém, devido a carências monetárias e materiais crescentes estes preferem trabalhar isoladamente, para não permitir que os outros pescadores usem as mesmas práticas de pesca, para evitar a concorrência. Isto revela a falta de conhecimento da importância do trabalho conjunto.

A segunda hipótese segundo a qual O Plano Estratégico do Sector da Pesca Artesanal não beneficia as camadas mais desfavorecidas da pesca de subsistência, naqueles locais, o estudo revelou que esta hipótese é verdadeira pois, nas comunidades da pesca artesanal os pescadores de subsistência que representam a maioria dos pescadores (como se constata nos dados do censo de 2007). A actividade da pesca artesanal no Centro de Pesca da Costa do Sol, tem registado uma sobrepesca devido ao aumento de esforço de pesca. Este facto é ilustrado pelo número de embarcações que aumentou de 171 em 2007 para 184 só no I Semestre de 2008. Igualmente existia cerca de 187 pescadores em 2007 que operavam com as três artes de pesca aqui referidas neste estudo, não beneficiam de apoio em material de pesca sobretudo em créditos institucionais porque estes não estão licenciados para a prática desta actividade. O licenciamento constitui condição primordial para a concessão de créditos aos pescadores artesanais, pelo que o apoio canalizado beneficia em grande medida os pescadores comerciais.

Este é um aspecto fundamental, atendendo que estamos perante uma situação em que o grande desafio da nação é reduzir os índices de pobreza extrema em que se encontram grande parte das nossas comunidades. Devia constituir pois, a primeira prioridade eliminar todas as barreiras, criando facilidades para o desenvolvimento e prática das actividades de subsistência do sector familiar, visto que os seus rendimentos são exíguos. No caso vertente, o sector das pescas através das suas instituições devia estudar formas de subsidiar a actividade pesqueira a este escalão ou aplicar taxas simbólicas de licenciamento, de modo a permitir que estas comunidades não se sintam desmotivadas a aderir as políticas de controlo e gestão da canalização dos referidos apoios. A criação de condições para uma formação direccionada para prática da pesca sustentável que minimize a destruição do ecossistema que

envolve os mangais, uso de artes nocivas à pescas, poluição do meio ambiente marinho de entre outros.

A terceira hipótese que diz que na pesca artesanal na Baía de Maputo, a mulher é excluída da participação activa e actua como vendedora do pescado também revelou-se verdadeira, porque nestas comunidades, 60.78% de mulheres tem como actividade principal a comercialização do pescado e a colecta de moluscos e bivalves. Para além destas actividades, as mulheres dedicam-se à prática da agricultura de pequenas machambas familiares. Em períodos de boa colheita as mulheres vendem parte da produção agrícola, para adquirirem outros produtos necessários e indispensáveis à sobrevivência das famílias naquelas comunidades.

Nas comunidades da pesca artesanal ainda prevalece o mito de que as mulheres não devem praticar a actividade de pesca, porque a tarefa da mulher é a de cuidar da família e praticar a agricultura. Este é um aspecto que estas comunidades julgam ser importante na preservação dos seus princípios morais e culturais.

5.2. _ Recomendações

Paralelamente ao PESPA e tendo em consideração a grande necessidade de formação em todos os quadrantes nestas comunidades, deve ser concebido um plano estratégico para a componente formação no geral e para as comunidades da pesca artesanal em especial, criando mais escolas de pesca e técnicas, de artes e ofícios e apostar na elevação dos níveis académicos dos extencionistas de pesca. Há que ter em conta os aspectos culturais que envolve os grupos étnicos, as práticas religiosas, o tipo de conhecimento, os hábitos e costumes dentre outros, como base para o sucesso do programa formativo.

É necessário assegurar que o sistema de informação e comunicação seja extensivo e abrangente no seio das comunidades pesqueiras artesanais, através dos meios mais adequados e de acordo com a real situação de cada comunidade, tomando em conta que a maioria dos membros das comunidades pesqueiras não sabe ler a língua oficial, como constatado no estudo.

As acções intersectorias para a melhoria das condições de vida dos pescadores devem obedecer a um critério coordenado e de implementação das actividades (projectos), para garantir melhores resultados, porque existe uma relação de dependência entre eles. Isto é, se por exemplo forem criadas as vias de acesso entre os centros de pescas e os mercados, deverão ser simultaneamente disponibilizados meios de transporte do pescado. Para complementar as intervenções institucionais deve haver uma coordenação das acções entre o sector das pescas, da educação, das obras públicas e habitação, da saúde, do ambiente entre outros, para permitir que conjuntamente as infra-estruturas sejam disponibilizadas, com vista a garantir mais dinâmica na mudança de vida destas comunidades.

Bibliografia

Baloi A.P. & Pinto A. (2001) Seminário sobre as Pescarias da Baía de Maputo. Bolentim de Divulgação n° 34. Maputo:IIP.

Bukali, F. & Gervásio, H. A Mulher e a Comercialização de Pescado no Sul de Moçambique. Maputo:IDPPE.

Centro de Desenvolvimento Sustentável Zonas Costeiras, 28 de Janeiro 2009.
:3. Ecosistema. Disponível em (www.zonascosteiras.gov.mz/article). 12.40h

Chiavenato, I. (2000) Administração, Teoria, Processo e Prática. 3ª edição. São Paulo: Makron Books.

Fundo de Fomento Pesqueiro 2009. Reflexão sobre o futuro do Fundo do Fomento Pesqueiro. Maputo: Ministério das Pescas/ Fundo de Fomento Pesqueiro. Não publicado.

Gervásio, F. H; Tembe, J.; Samuel A; Lopes, S.; Abdula R e Afonso, P (1998). Programa de Co-gestão das Pescarias Artesanais. Maputo:IDPPE/IIP.

Gervásio, H e Bukali F. (1998). A Mulher e a Comercialização de Pescado no Sul de Moçambique. Maputo:IDPPE

IIP, (2002). Relatório Anual de Actividades da Pescas. Maputo:IIP.

IIP, (2003). Relatório Anual de Actividades da Pesca. Maputo: IIP.

IIP, (2004). Relatório Anual de Actividades da Pesca. Maputo: IIP.

IIP, (2005). Relatório Anual de Actividades da Pesca. Maputo: IIP.

IIP, (2006). Relatório Anual de Actividades da Pesca. Maputo:IIP.

IDPPE, (1998). Pesca Artesanal em Moçambique: Breve informe sobre a evolução, situação actual e perspectivas. Maputo: Ministério das Pescas _ Instituto de Desenvolvimento de Pesca de Pequena Escala.

IDPPE, (2007). Plano Estratégico do Sub-Sector da Pesca Artesanal (PESPA). Maputo: Maputo: Ministério das Pescas _ Instituto de Desenvolvimento de Pesca de Pequena Escala.

IDPPE, (2009). Recenseamento da pesca artesanal 2007: Principais resultados. Maputo: Ministério das Pescas _ Instituto de Desenvolvimento de Pesca de Pequena Escala.

Johnstone, R. & Cuambe G. B. (2003). Avaliação do Papel da Mulher nas Actividades Pesqueiras e o Potencial da sua Participação na Estrutura de Base. Baía de Maputo. Maputo: IDPPE.

Lichucha, I.D.L.T. (2001). Management of The Linefish Resource in Southern Mozambique: A Case Study For Marreco (*Chrysoblephus Puniceus*). Maputo: IIP.

Marconi, A.M e Lakatos, M.E. (1999). Técnicas de Pesquisa. 4ª edição. São Paulo: ATLAS S.A.

Namalué, J.M. 2000. Evolução histórica dos combinados pesqueiros – 979-1989. Maputo: UDPPE.

Nzualo T.N.M (2006) Contributo Para a Gestão Sustentável da Pescaria da Fauna Acompanhante do Camarão na Baía de Maputo. Tese de Licenciatura em Física. Maputo: UEM, Faculdade de Ciências _ Departamento de Física. Não publicada.

Pisandelli, G.M.V.L. (2009). A Teoria de Maslow, e sua Relação com a Educação de Adultos. Disponível em (<http://www.psicologia.org.br/internacional/pscl45.htm>) de 17 de Março de 2009. 14.30h.

Ricardo, G. 2004. Sustainable Tourism Development: A case study of Bazaruto Island in Inhambane, Mozambique. A Master Thesis in Development Studies at Institute for Social Development. Bellville: University of the Western Cape.

Relatório Anual de (2005). Instituto de Desenvolvimento da Pesca de Pequena Escala. Maputo: IDPPE.

Relatório Anual de (2006). Instituto de Desenvolvimento da Pesca de Pequena Escala. Maputo: IDPPE.

Samuel, A. (1998). A Pesca Artesanal em Moçambique. Maputo: IDPPE,

Santos, A.M.A.R. (2004) Caracterização da pesca à linha artesanal na Baía de Maputo. Maputo: Universidade do Algarve/IIP. Tese de Licenciatura em Biologia Marinha e Pescas.

Samuel, A. e Gervasio, H. (2000). Breve Informe Sobre a evolução e Perspectivas da Organização Associativa na Pesca Artesanal. Maputo: Ministério das Pescas __ IDPPE.

Silva, R e A. Macia (1991). Principais pescarias: Estado da sua exploração e suas medidas de Gestão. Comunicação do Seminário Sobre Recursos Pesqueiros de Moçambique. Maputo: IIP.

Silva, M.R.M. (2009). O que é ser Empreendedor. Disponível em http://www.administradores.com.br/artigos/o_que_e_ser_empreendedor/12155. de 27 de Março de 2009. 14:43h.

Sousa M. I. & Russo de Sá, J. (1989). Recenseamento dos Pescadores Artesanais da Baía de Maputo. IIP, Maputo.

Sousa I.M. (1984). Actividade da Pesca de Emalhe e de Arrasto na Baía de Maputo. Instituto de Investigação Pesqueira. Bolentim de Divulgação nº 10.

Sousa, M.A.A. & Pit, C.(2003). Eficiência Económica e Sustentabilidade Ecológica da Pesca Artesanal no Estado do Rio Grande do Sul. Disponível em (<http://www.purcs.br/eventos/eeg/trabalhos/agricultura-sessao3-1.doc>) 01.04.09, 08.25h.

Robbins, S.P. (2002) Comportamento Organizacional. 9ª edição. São Paulo: Trentice Hall.

ANEXOS

ANEXO I _ GUIÃO DE ENTREVISTA

Data __/__/__

Nome do Entrevistado:

Nome do Centro de Pesca:

Lugar que ocupa na pesca:

Tempo de permanência no centro:

Factores

Tem ou não embarcação_____

Tem motor? Sim/não Vela_____ remo_____

Número de tripulantes_____

Arte (s) utilizada (s)_____

1. Espécies capturadas

a) Quais são as espécies mais capturadas_____

b) Quais são as outras espécies capturadas (mencionar as quantidades em relação as mais capturadas)_____

2. Nível de Composição e tecnologia

c) Pratica algum tipo de conservação/processamento de pescado? Sim/Não

Uso de gelo_____ Onde adquire_____

Seca sem sal_____

Salgagem seca_____

Fumagem_____

Outra (especifique)_____

Factores socio-culturais e económicos

1. Quantos grupos étnicos predominantes existem no centro de pesca?_____ Mencione-os_____

2. Desde quando pratica a actividade pesqueira_____

3. Quando e porque é que veio pescar neste local?_____

4. Qual é o lugar da actividade pesqueira no conjunto dos rendimentos familiares?

a) Principal_____

b) Secundário_____

Nota:

Justifique:_____

5. Porque é que o senhor (a) está envolvido (a) na pesca_____

- a) Por ser a única profissão que conhece _____
 - b) Pelos lucros que a venda de peixe confere _____
 - c) Pela importância do pescado no mercado, comparativamente aos produtos agrícolas _____
 - d) Pela falta de terras para cultivo _____
 - e) Pela falta de outro tipo de emprego _____
6. Face as dificuldades qual é a capacidade de improvisar _____
7. Haverá iniciativas inovadoras ou riscos colectivos _____ quais _____
- a) Comunitárias
 - b) Familiares
 - c) Étnicas
 - d) Outras
8. Alguma implicação para os níveis actuais de rendimentos? _____ quais _____
9. Quantas refeições toma por dia? _____ a base de _____
10. Tipo de Habitação ____ Precário/convencional _____
11. Acesso à água potável (tipo) poço/furo/canalizada _____
12. Acesso à saúde (existência de hospital/posto de saúde/maternidade) _____
13. Quais são as doenças mais frequentes? _____
14. Tipo de conhecimento do entrevistado (tradicional ou científico)
- a) Como sabe que um determinado lugar é melhor para a pesca _____
 - b) Como determina as condições climatéricas _____
 - c) Como sabe que num determinado dia o melhor período para pescar é de dia ou de noite _____
 - d) Quais são as melhores marés para pescar _____ porquê _____
15. Como é que a informação sobre a actividade pesqueira chega a si? _____
- Jornal _____
 - Radio _____
 - IDPPE _____
 - Administração Marítima _____
 - Canais informais _____
 - Outros _____

ANEXO: II A _ CENTRO DE PESCA: MUNTANHANA

Entrevistado	Género M/F	Tipo de Embarcação	Arte de Pesca	Tipo de Conservação	Níveis de capturas/mês
01	M	a vela	emalhe	gelo	350 Kg
02	M	a remo	linha	seco c/sal	200 “
03	M	a vela	emalhe	seco s/sal	150 “
04	M	a vela	emalhe	seco s/sal	350 “
05	M	vela	arrasto	fumagem	350 “
06	M	vela	arrasto	fumagem	100 “
07	M	a motor	emalhe	gelo	350 “
08	M	a vela	linha	seco c/sal	150 “

ANEXO: II B _ CENTRO DE PESCA: COSTA DO SOL

Entrevistados	Género M/F	Tipo de Embarcação	Arte de Pesca	Tipo de Conservação	Níveis de capturas/mês
01	M	a vela	Arrasto	seco s/sal	350 Kg
02	M	a vela	Linha	seco s/sal	275 “
03	M	a motor	Emalhe	seco s/sal	300 “
04	M	a vela	Arrasto	Fumado	450 “
05	M	motor	Arrasto	gelo	650 “
06	M	a vela	Arrasto	fumado	550 “
07	M	a vela	Arrasto	fumado	450 “
08	M	motor	Emalhe	gelo	500 “
09	M	a vela	linha	seco s/sal	300 “
10	M	a vela	linha	seco s/sal	250 “

ANEXO: III _ CENTRO DE PESCA: CATEMBE

Embarcações	Género	Tipo de	Arte de	Tipo de	Níveis de de capturas/mês
	M/F	Embarcação	Pesca	Conservação	
01	M	vela	emalha	gelo	450
02	M	motor	emalha	gelo	550
03	M	vela	linha	gelo	250
04	M	motor	emalha	gelo	500
05	M	vela	arrasto	gelo	750
06	M	motor	arrasto	gelo	650
07	M	vela	linha	gelo	200
08	M	vela	linha	gelo	250
09	M	vela	arrasto	gelo	350
10	M	motor	emalha	gelo	550

ANEXO IV

Lista de Pescado mais capturado na Baía de Maputo¹⁹

Atum elegante – *Allothunnus fallai*
Banana – *Synodus indicus*
Bicudas – *Sphyraena barracuda*
Baga rosado – *Parascolopsis eriomma*
Cachucho – *Polysteganus coeruleopunctatus*
Cavala gigante – *Acanthocybium solandri*
Corvina real – *Argyrosomus hololepidotus*
Corvina dentusa – *Otolithes ruber*
Corvina sinoide – *Johnius amblycephalus*
Dourada – *Rhabdosargus thorpei*
Espadim negro – *Makaira indica*
Esparo – *Crenidens*
Garoupa de celestial – *Plectropomus leopardus*
Garoupa lutra – *Epinephelus tauvina*
Garoupa tigre – *Epinephelus posteli*
Lingua de mão negra – *Solea bleekeri*
Magumba – *Hilsa Kelee*
Marreco – *Chrysoblephus puniceus*
Pargo vermelho – *Petrus rupestris*
Pargo rubí – *Etelis carbunculus*
Pescadinha comum – *Sillago sihama*
Patana comum – *Leiognathus elongatus*
Sargo Navalhado – *Polyamblyodon gibbosum*
Papagaio lua azul – *Scarus atrilunula*
Sapateiro do índico – *Platycephalus*
Salmonete laranja – *Upeneus vittatus*
Tainha diamante – *Liza alata*
Tainha encantadora – *Liza luciae*

^{19/} W. Fischer, I. Sousa, A. De Freitas, J.M. Poutiers, W. Scheneider, T.C. Borges, J.P. Féral e A. Massinga. (1990). “*Guia das espécies comerciais marinhas e de águas salobras de Moçambique*”. Roma, FAO.

ANEXO V - FOTOS



Foto 1 _ Machamba de subsistência, com feijão e milho de um pescador artesanal na área de estudo.



Foto 2 _ Machamba de subsistência, com mandioca de um pescador artesanal na área de estudo.



Foto 3 _ Poço vulgar que abastece de água as comunidades pesqueiras na área de



Foto 4 _ Processo de selecção de camarão nas comunidades pesqueiras na área de



Foto 5 _ Processo de fumagem de camarão nas comunidades pesqueiras na área de



Foto 6 _ Embarcação da pesca artesanal nas comunidades pesqueiras na área de estudo.



Foto 7 _ Processo de secagem de pescado da pesca artesanal nas comunidades pesqueiras na área de estudo.



Foto 8 _ Uma fonte de água improvisada nas comunidades pesqueiras na área de estudo.



Foto 9 _ Habitação precária de um pescador de uma das comunidades pesqueiras na área de estudo.



Foto 10 _ Restauração da zona costeira devido a erosão na comunidade pesqueira da área de estudo.



Foto 11 _ Floresta de mangais numa das comunidades pesqueiras da área de estudo.



Foto 12 _ Condições precárias e falta de saneamento do meio nas comunidades pesqueiras da área de estudo.



Foto 13 _ A vendedeira aguardando pela chegada das embarcações de pesca nas comunidades pesqueiras da área de estudo.



Foto 14 _ Mulheres e crianças na selecção da Magumba nas comunidades pesqueiras da área de estudo.



Foto 15 _ Pescadores concertando as redes de pesca nas comunidades pesqueiras da área de estudo.



Foto 16 _ Esta é a única fábrica de gelo granulado fabricado no Porto de Pesca de Maputo que abastece as embarcações de pesca.



Foto: 17 _ Ameijoia colectada na área de estudo



Foto: 18 _ Caranguejo retirado dos mangais na área de estudo



Foto n. 19 _ Camarão branco capturado na área de estudo



Foto 20 _ Mulheres vendeiras do mercado de pescado nas comunidades da área de estudo.



Foto: 21 _ Processo de formação de pescadores artesanais nas comunidades da área de estudo.



Foto: 22 _ Piscicultura – cultura de peixe em cativeiro praticada pelos pescadores artesanais das comunidades pesqueiras de subsistência.